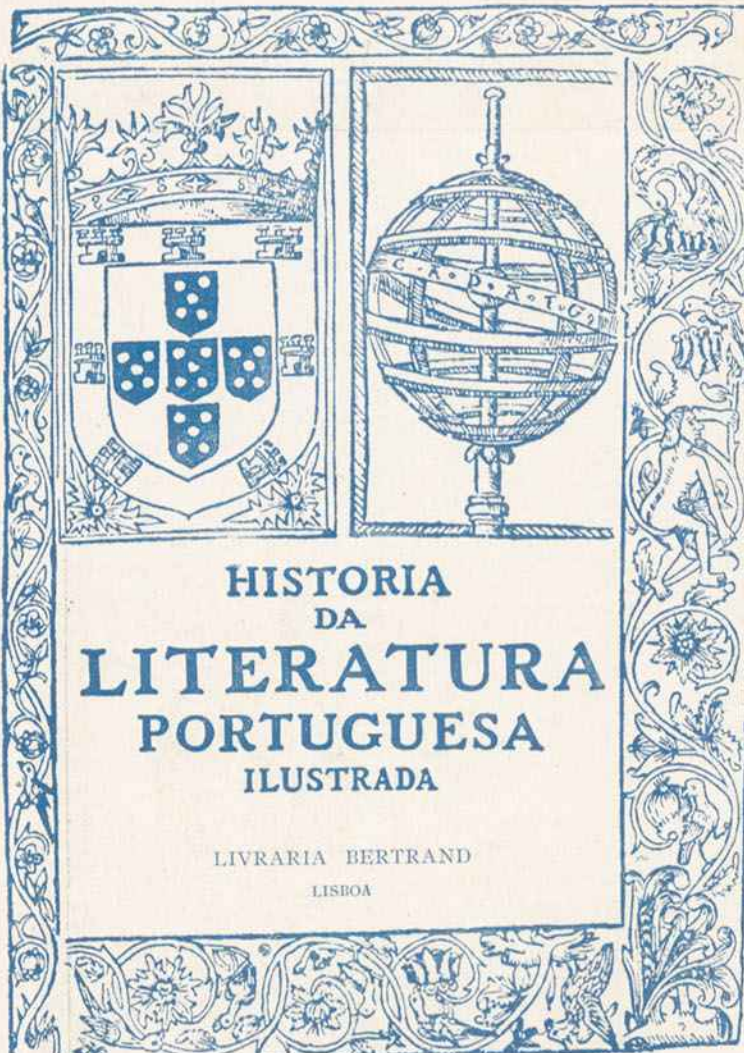


# ILUSTRAÇÃO



CANTIGAS DE AMOR — (QUADRO DE CARLOS REIS)



HISTORIA  
DA  
**LITERATURA  
PORTUGUESA**  
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND  
LISBOA

**A sair brevemente o XXXIII tomo**  
**A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE**  
**EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00. 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO . . . . . 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . . . . . 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA  
PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GH., da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.  
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**

A HISTORIA ILUSTRADA DA  
LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

**E CONTERÁ**

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

**Conselhos Práticos**

**SOCORRO ÚTIL.**

Quando um indivíduo cai perto de nós com uma síncope, deve-se primeiro fazer o seguinte: se tem o rosto vermelho deitá-lo com a cabeça alta; se está pálido, com a cabeça baixa. Só depois cuidar de tomar as providências necessárias.



**Excelente para convalescentes**

Alimentos sãdios e adequados é o mais necessario para as pessoas que estão recompondo-se de uma enfermidade qualquer. E' o melhor meio que tem o convalescente para recuperar a sua força e a sua energia.

A Maizena Duryea deve ser parte importante na dieta dos convalescentes—crianças e adultos. E' nutritiva, fortalece e fortifica. E' deliciosa! Ha muitas especies de sopas, molhos e doces que realçam mais quando são preparados com Maizena Duryea.

Permita-nos enviar-lhe um exemplar do nosso livro de receitas contra o «coupon» abaixo preenchido.

**MAIZENA DURYEA**

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L<sup>DA</sup>—Rua dos Sapateiros, 115, 2.<sup>o</sup>—LISBOA

Queira enviar-me um exemplar, gratis, do seu livro de cozinha.

Nome .....  
Morada.....  
Localidade .....



**Como obter ideias lucidas e clareza de espirito**

POR  
**G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da intelligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PAGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

**Livraria BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.<sup>a</sup>

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada) . . . . .	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada) . . . . .	—	64\$50	129\$00
Espanha e suas colonias (Registada) . . . . .	—	69\$00	138\$00
Brasil (Registada) . . . . .	—	63\$00	126\$00
Outros países. (Registada) . . . . .	—	67\$50	135\$00
Outros países. (Registada) . . . . .	—	66\$00	132\$00
Outros países. (Registada) . . . . .	—	72\$00	150\$00
Outros países. (Registada) . . . . .	—	75\$00	150\$00
Outros países. (Registada) . . . . .	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.<sup>o</sup>—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

**Beleza e juventude**



se intentam conseguir por muitos meios, mas raras vezes se ataca o mal pela raiz. As dôres de todas as especies, as de cabeça, enxaquecas, nevralgias e incomodos mensaes das Senhoras vão fazendo os seus estragos. Uma ruga atraz d'outra se vão gravando no rosto, os olhos perdem o seu brilho, posto que cada sofrimento produz ao mesmo tempo uma depressão de animo.

Tenhamos, pois, o cuidado de ter á mão a **CAFIASPIRINA** que não só afugenta as dôres, como possui tambem a acção reanimadora e estimulante da cafeina, obtendo-se com ela o bem estar e a satisfação que ajudam V. Exa. a conseguir a beleza e a juventude.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



**PRECISAM-SE**

PARA TODAS AS PARTES DE

**GERENTES de SUCCURSAIS**

Não são precisos conhecimentos especiaes, nem armazem, nem capital liquido

Ordenado: 150 a 200 dollars, por mez

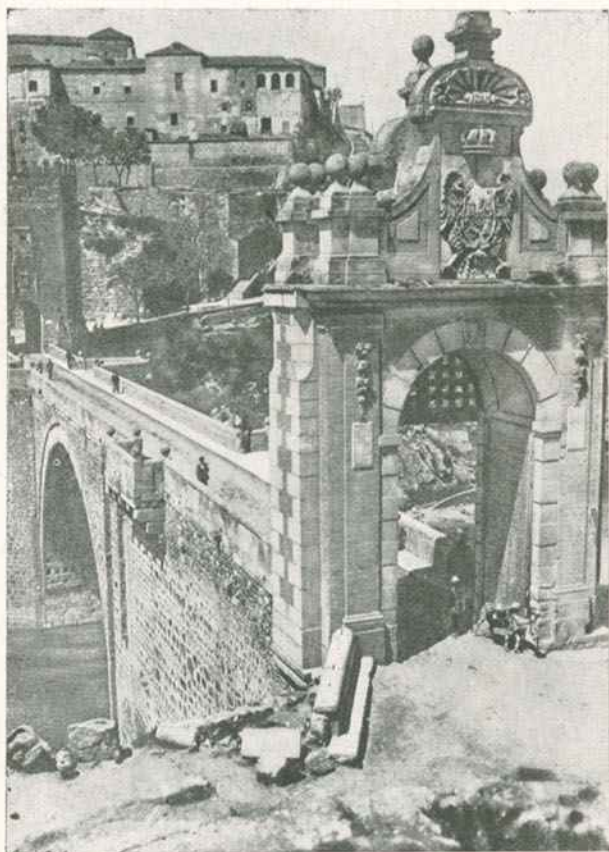
Escrever a "Novelty" á Valkenburg, (Hollanda)

A' VENDA EM TODAS  
AS BOAS LIVRARIAS

# TOLEDO

IMPRESSÕES  
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO



PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

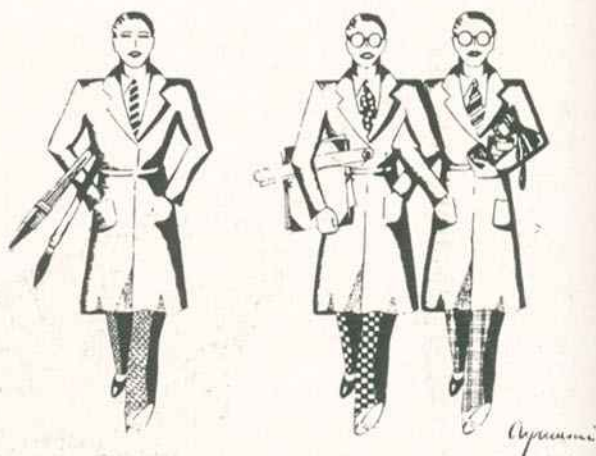
1 Volume de 226 páginas  
brochado Esc. 10\$00



PEDIDOS AOS EDITORES  
LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75—LSBOA

## GRAVADORES

## IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**  
2 1368 **IRMÃOS, L.** DA  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

### O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,  
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas.

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros  
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. .... Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80—LISBOA

### PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS  
A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA  
Telefone 2 2074

# NÃO É SÓ MAGIA

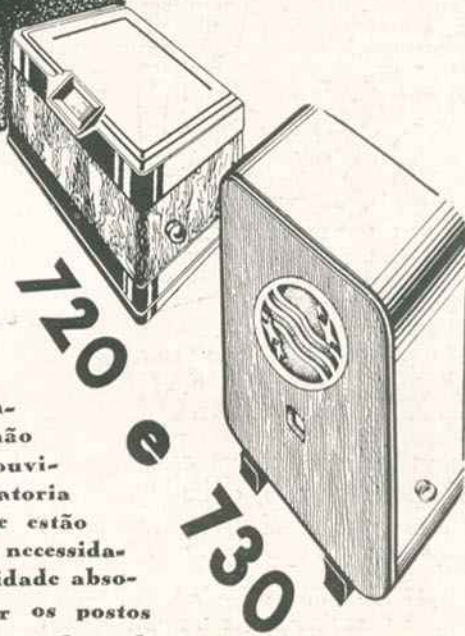
✦  
 Mas também  
 muito trabalho  
 e imaginação, e sobre-  
 tudo a necessidade absoluta  
 de se adaptar ás novas condi-  
 ções do éter, á radiofonia  
 actual. Os postos mais po-  
 tentes, os programas mais in-  
 teressantes estão no éter; não  
 podendo, porem, serem ouvi-  
 dos de maneira satisfatoria  
 com os aparelhos que estão  
 fora de moda. Foi a necessida-  
 de de uma selectividade abso-  
 luta que fez criar os postos  
 Philips 720 e 730 baseados

Os  
 novos  
 aparelhos  
 para as novas  
 condições do éter

num novo principio: a mon-  
 tagem de SUPER-INDUC-  
 TANCIA—sinonimo de selec-  
 tividade e qualidade



## PHILIPS





## Em Qualquer Lar

onde se não tenha apagado o bom gosto, e onde se não deite dinheiro á rua em beberagens ordinarias, ha a dirigi-lo uma mulher de gosto requintado. E'la sabe pela sua longa experiencia, que ha só um chá que todos apreciam, pela fragancia, pela delicadesa do paladar, o



# CHÁ HORNIMAN



Que se obtem em todos os estabelecimentos, mas sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.



ANTES de entrar na política entrou a mulher na economia e, invadindo comércio, indústria, cargos públicos, contribuiu muito para este excesso de concorrência e desequilíbrio económico a que estamos assistindo no mundo inteiro, e que parece ter na base um excesso de produtores e de produção. Esperemos que a entrada da mulher na luta política venha compensar e amansar o que, na política prejudica e esbraveja, desde que a mulher invadiu a economia: *Similia cum similibus curantur...*

Ora bem: na evolução que se manifesta por toda a parte, e em toda a parte vem trazendo ao outro sexo direitos activos e passivos do eleitorado, há uma excepção que surpreende e faz pensar: é a pertinência da França em recusar o voto às mulheres.

Este caso excepcional pode ter duas explicações. A primeira consistirá em dizermos que as mulheres não precisam de governar em França segundo a lei, porque são elas quem já governa ali, segundo a realidade. Não se esqueça que é bem francesa a fórmula «*Cherchez la femme*», equivalente a afirmar que o sexo chamado fraco é, em última análise, o mais forte dos dois. Ninguém, com efeito, acredita que a mulher francesa só «mascará» para a política no dia em que puder ser eleita deputada ou senadora, visto que os senadores ou deputados — actuais e masculinos — só se podem explicar satisfatoriamente (se é justo aquele provérbio), procurando-se na sua gestação prévia uma mulher (ou mais) além das suas próprias mamãs.

A outra explicação do caso é ainda mais desfavorável do que esta ao feminismo político. A França continua a ter a fama de ser a pátria do bom-senso e do bom-gosto, a mestra da proporção, da medida justa, da ordem e do equilíbrio mental. Factos recentes, bem conhecidos, mostram que, no desarranjo económico e financeiro do mundo, ela, muito menos que outra qualquer das grandes nações dirigentes, se mostra culpada de excessos e em risco de perder a cabeça ou o sangue frio. Nem caiu em exageros de socialismo gastador, à moda alemã ou inglesa, nem se deixou levar por fantasmagorias de capitalismo desenfreado, à norte-americana. Nos embates e discussões de Paris e de Londres, de Berlim e de Washington, a propósito da nova ameaça de falência do Reich, os representantes da França fizeram boa figura de embaixadores do antigo senso-comum, da tradicional prudência e do espírito de previsão e cautela, tão desprezado pelo século actual, improvisador, febricitante e megalômano.

Tudo isto nos aconselha a perguntar, desconfiado de tanta revolução radical e de tanta novidade temerária: «Se a França, rainha do Bom-Senso, hesita em dar o voto às mulheres, não deveremos nós outros pensar duas vezes, antes de embarcarmos nessa galante galéria?»

A França hesita, pois, muito a sério, em resolver afirmativamente esse tão sério problema. No entanto, para não perder o costume, vai pondo o problema, não em equação, mas em cançoneta.

Como se sabe, há um limite mínimo de idade para se ser eleito ou elegível. Para se

## A IDADE POLITICA DAS MULHERES

poder ser, em França, eleito senador, é preciso ter pelo menos quarenta anos. E aqui insere naturalmente o espírito gaulês o velho epigrama de que as mulheres, em chegando a «certa» idade, começam a ter uma idade muito «incerta».

É fácil calcular que, na sabatina em que os dois sexos franceses têm trocado os seus melhores argumentos a favor e contra o advento legal da mulher à política — não deixou de aparecer à observação de não haver perigo que qualquer mulher bonita se propusesse senadora, porque isto a obrigaria a «confessar» os indispensáveis, mas terríveis quarenta anos.

A este respeito lemos nós há pouco uma defesa das mulheres que roubam ao pêso dos anos — e uma promessa de que esse ingénio mau costume feminino há-de acabar, desde que se chegue à equiparação absoluta do sexo masculino (que se gaba de dizer honradamente quantos anos tem) com o outro sexo, que se diz que só diz os anos que já teve e já lá vão.

Nessa apologia, muito inteligentemente escrita por uma mulher, afirmava-se que o pecado-lhe que as mulheres cometem com frequência, diminuindo a idade, é da culpa exclusiva... de quem? Dos homens, evidentemente!

Se as mulheres de outro tempo procuravam todas parecer mais jovens quando já o eram menos, o seu fito consistia apenas em ser agradáveis... aos homens. Por isso, pobresitas!, elas se agarravam com unhas e dentes a certos limites máximos de idade, para além dos quais se lhes afigurava impossível existirem, aos olhos dos séres masculinos e «superiores», de cujas mãos recebiam, como vassalãs, todos os meios e todas as razões de viver.

Isto é muito bem alegado e serve já como argumento não só para desculpar o passado, mas também para preparar e preconizar o futuro. Quere dizer: desde que a mulher seja, no ambiente social e político, absolutamente a igual do homem — já não precisará de fingir-se mais moça do que ele, e mais moça até do que ela própria.

Melhor ainda: não precisará, e não poderá, ainda que o queira. Muitas mulheres de agora têm já uma carreira pública, cujos estádios e datas são fáceis de verificar e não podem ser sonogados: exames nas escolas e liceus, matrículas nos cursos especiais ou faculdades, diplomas de bacharelato, licenciamento ou doutorado, promoções burocráticas «por antiguidade» (*horribile dictu!*), etc., etc., etc.

Ora toda esta questão, vista de alguma altura, parece bem pueril e unilateral. Os homens não podem atirar a primeira pedra às mulheres que se dizem mais novas do que são, ou procuram, por meios sábios, complicadíssimos e eruditamente inúteis, fingir uma idade que já tiveram e não volta mais,

Todos sabemos que há no nosso sexo forte (e fisicamente tão fraco e perecedouro como o outro) muitos ingénios já maduros que rapam o bigode para não terem «cara de velho»; todos sabemos e dizemos que eles não conseguem dessa maneira senão ficar com «caras de velhas».

Aliás (e ainda bem) este cabo das Tormentas da idade crítica parece que se vai dobrando cada vez mais tarde, à medida que progridem a higiene, o viver racional, o desportismo e os cosméticos.

Se relerdes as comédias de Molière, lá vereis que os conquistadores velhos e ridículos são, para esse poeta, os homens de quarenta anos, ou pouco mais. Nas comédias francesas do nosso tempo, os homens de quarenta anos (e ainda mais velhos do que isso) aparecem como figuras centrais, grandemente perigosas e devastadoras para as mulheres.

Não resta dúvida que os dois sexos têm conseguido remover muito, desde o XVII.º século para cá. No meu tempo, pelos fins do XIX, ainda as «jóvens senhoras casadas tinham uma espécie de uniforme grave e sério, que as envelhecia quasi de repente, da noite de núpcias para o dia seguinte. Lembro-me que usavam uns chapéus especiais e muito austeros (que se chamavam em francês «capotes») e uns vestidos que certificavam na rua o seu estado civil, e era como se dissessem aos transcentes masculinos e gulosos: *Tenho o dono, ou: É proibido cobiçar.*

Hoje em dia as senhoras casadas vestem-se como quando solteiras, senão ainda mais vistosa e convidativamente; e andam por aí muitas jovens avózinhas em tão bom uso, que não nos dão nada a impressão de passarem a vida a contar contos de fada aos seus netinhos. Pelo contrário: o que apetece é contar-lhes as suas histórias ainda mais bonitas, embora talvez menos verdadeiras e pedagógicas.

Mas ainda há excepções. Há homens e mulheres tão leais com o próximo, ou tão desprezados de si mesmos, ou tão resignados à fatalidade de envelhecer, que não se envergonham de mostrar sem reticências a idade que têm e ninguém é capaz de tirar-lhes.

E há mais do que isto, porque existe até a contrária: a de aumentarem a idade verdadeira para parecerem mais novos — ao menos relativamente.

Conheci um homem desta espécie, que morreu cônsul de Portugal em Buenos Aires e nos últimos tempos de vida deixara correr a seu respeito uma lenda de Matusalém. Toda a gente supunha que ele era velhíssimo, vetusto, quasi secular. E todos lhe diziam, quando o encontravam:

— Caramba! Que admiravelmente conservado que você está!...

E o pobre homem ficava muito contente. Depois de morto este falso e fingido macróbio, a sua certidão de idade mostrou, com espanto geral, que ele tinha pouco mais de sessenta anos...

Não nos ríamos muito destas fraquezas dos velhos — nós, os rapaziños novos.

No boulevard Saint Michel, em Paris, existiu, af por 1885, um café, onde se reuniam os portugueses. Em 1882, conta-nos Mariano Pina, ainda êle «andava cheio da saúdosa memória de Guilherme de Azevedo». O poeta da *Alma Nova*, que em Paris se finou, fazia partidas engraçadas aos compatriotas e, se algumas nos conta Fialho, quando a Guilherme de Azevedo, nos *Gatos*, se refere, outra conta-nos Pina, que não deixa de ter graça:

«Guilherme de Azevedo oferecera cem francos a um português que lhe provasse que havia fumo sem fogo, desmentindo o provérbio que o afirma.

«O compatriota levou muitos dias e muitas noites a pensar no assunto, atraído pelos cem francos. Apenas êle entrava no *Bas-Rhin*, logo Guilherme:

— Então, nosso amigo, qual é o fumo onde não há fogo?

— É o fumo que sai do estreme...

— Não senhor!

— É o fumo que sai da bôca da gente, no inverno...

— Não senhor! Já vêjo que não tem vontade de ganhar cem francos! É o fumo... dum chapéu... quando alguém... anda de luto... Quando alguém anda de luto... Ora af está!»

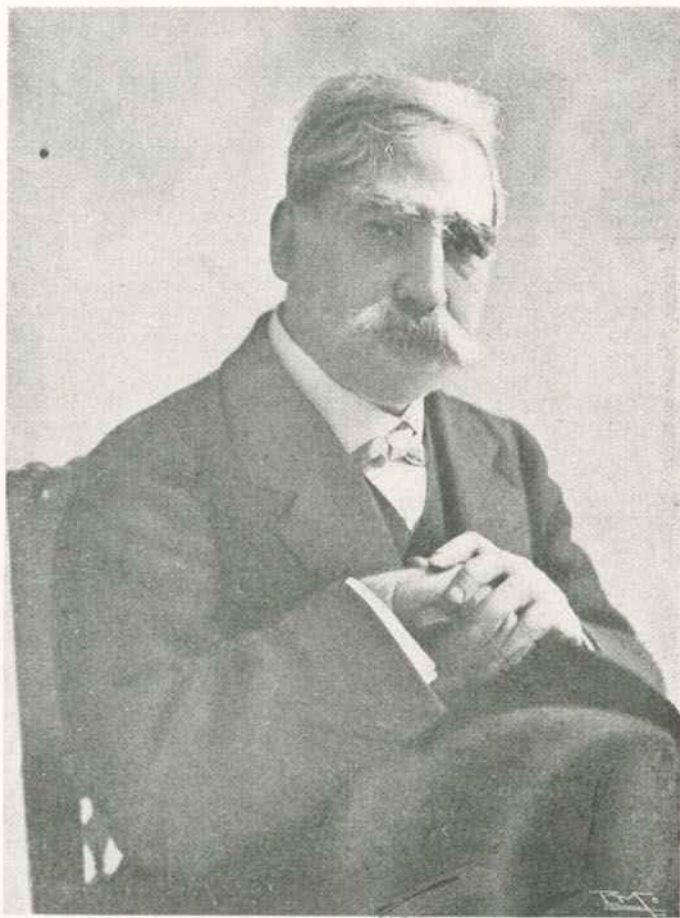
No *Bas-Rhin* reunia-se a fina flor dos portugueses. Lá paravam Bettencourt Rodrigues, então a tirar o curso médico; Trigueiros de Martel, redactor de *O Século*; Artur Loureiro, que morava em Brolles, aparecia às quinzenas e fazia as malas para ir até à Austrália; Salomão Saragga e David Cohen, aluno de Renan, no Colégio de França; Columbano; Lopes Trovão; Adelino Fontoura, correspondente parisiense da *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, que veio morrer num hospital de Lisboa; Wanderley; o pintor Vilaça; Santos; Emílio Ferreira; Vicente Brandão; Joaquim Coimbra, que assinava os seus versos *Raül Didier*; e António Ramalho, a caminho de ser o grande pintor que foi depois.

Também, por vezes, aparecia Lino de Assunção, que dava uns almoços de bacalhau com batatas, um dos quais ficou célebre. Contamos porquê. «Lino tinha em sua casa uma criada portuguesa, uma ama sêca, de Braga, que não sabia dizer duas palavras em francês. Nunca ia às

O GRUPO DO «BAS-RHIN»  
OS PORTUGUESES  
EM PARIS  
NO ANO DE 1885

compras sem o Lino. Mas, passados alguns meses, já a mulhersinha se atrevia a entrar numa loja; a olhar para as prateleiras; a apontar com o dêdo para o que queria comprar; e a dizer: *De ça! de ça!* Pagava; saía; e era negócio concluído. Um dia, já se estava à mesa, quando se viu que faltava azeite para o bacalhau. O Lino tirou da algibeira uma peça de oiro de vinte francos, e disse-lhe:

— Ó ama, vá à mercearia ali defronte e compre uma garrafa de azeite.



O PINTOR ANTÓNIO RAMALHO

A ama sacudiu o avental, arranjou a touca, e desceu. Chegou à mercearia; olhou para as prateleiras; viu, entre outras garrafas, uma, contendo um líquido amarelo; azeite, evidentemente; disse o costumado *de ça! de ça!* apontando para a garrafa; pagou; saiu; entrou na cozinha; abriu a garrafa; deitou o líquido amarelo na galheta; e quando o Lino entornou a galheta sobre o bacalhau, que fumava entre cordilhei-

ras de batatas, e comeu o primeiro bocado — expressão de nojo e horror!...

A ama tinha-se enganado. Em vez de azeite, tinha comprado uma garrafa de *chartreuse amarelo!*...

Não só dos portugueses que viviam em Paris o *Bas-Rhin* era ponto obrigado. Os portugueses que lá passavam, iam, e assim é que o café sentou às suas mesas, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, antes do seu consulado, Jaime de Sèguier, Rafael Bordalo Pinheiro, Eduardo Garrido, Ferreira de Araújo, Elísio Mendes, Artur de Azevedo, Brasão, Moura Cabral, Silva Pereira, Raúl Mesnier, Cesário Verde. Por lá passaram Ricardo Jorge, o dr. Lourenço de Azevedo, Gameiro, um pintor morto há muito, o pintor Greno, que foi assassinado pela esposa, e outros.

A página que publicamos hoje é um interessantíssimo inédito do pintor António Ramalho, que a si mesmo nela se retrata. Foi feita para saír na *Ilustração* de Mariano Pina, para acompanhar a crónica do seu director sobre *O grupo do Bas-Rhin*. Então podemos datá-lo de 1885. Porque não foi publicada? Ignoramo-lo. Sabemos que hoje pertence ao dr. Bettencourt Rodrigues, que amavelmente a cedeu para reproduzir e nos identificou a maior parte das figuras que dêle constam. O dr. Bettencourt Rodrigues obteve-a por oferta de Prestes, nosso cônsul no Rio de Janeiro. Como foi o desenho parar ao Brasil? Talvez levado por Amoedo, professor da Escola de Belas Artes. Quanto às figuras não identificadas, parece que duas são a dos irmãos Brandões, um mineralogista, engenheiro outro, antigo vogal do Conselho Superior de Obras Públicas e de Minas, filhos do velho republicano, general Sousa Brandão.

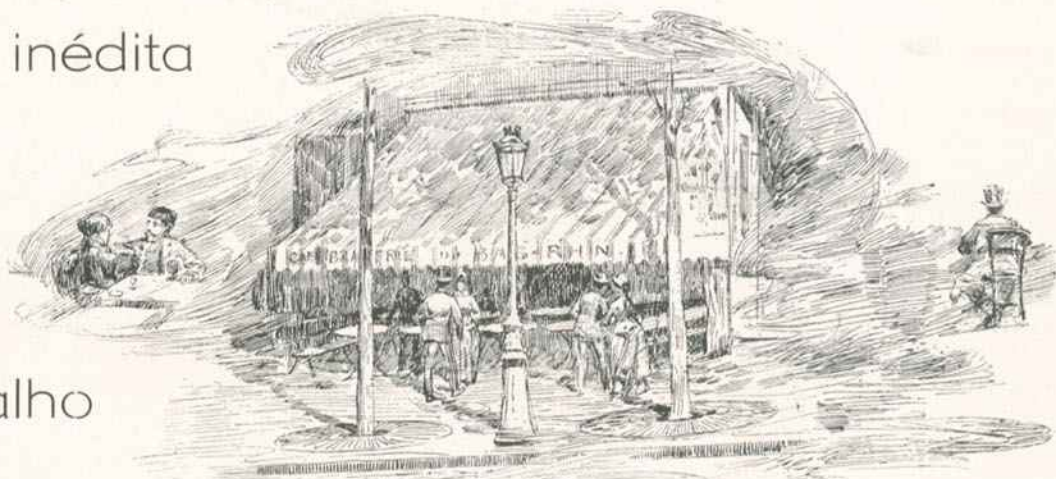
Já não existe o *Bas-Rhin*, já estão quasi todos mortos os vultos conhecidos que nêle figuram. São vivos Bettencourt Rodrigues, Artur Loureiro, e cremos que um dos irmãos Brandões. E aqui está como, mercê da gentileza do dr. Bettencourt Rodrigues, a *Ilustração* consegue evocar uma fase curiosa da vida portuguesa do passado e publicar um maravilhoso inédito do esquecido e superior artista de *O Lanterna*.



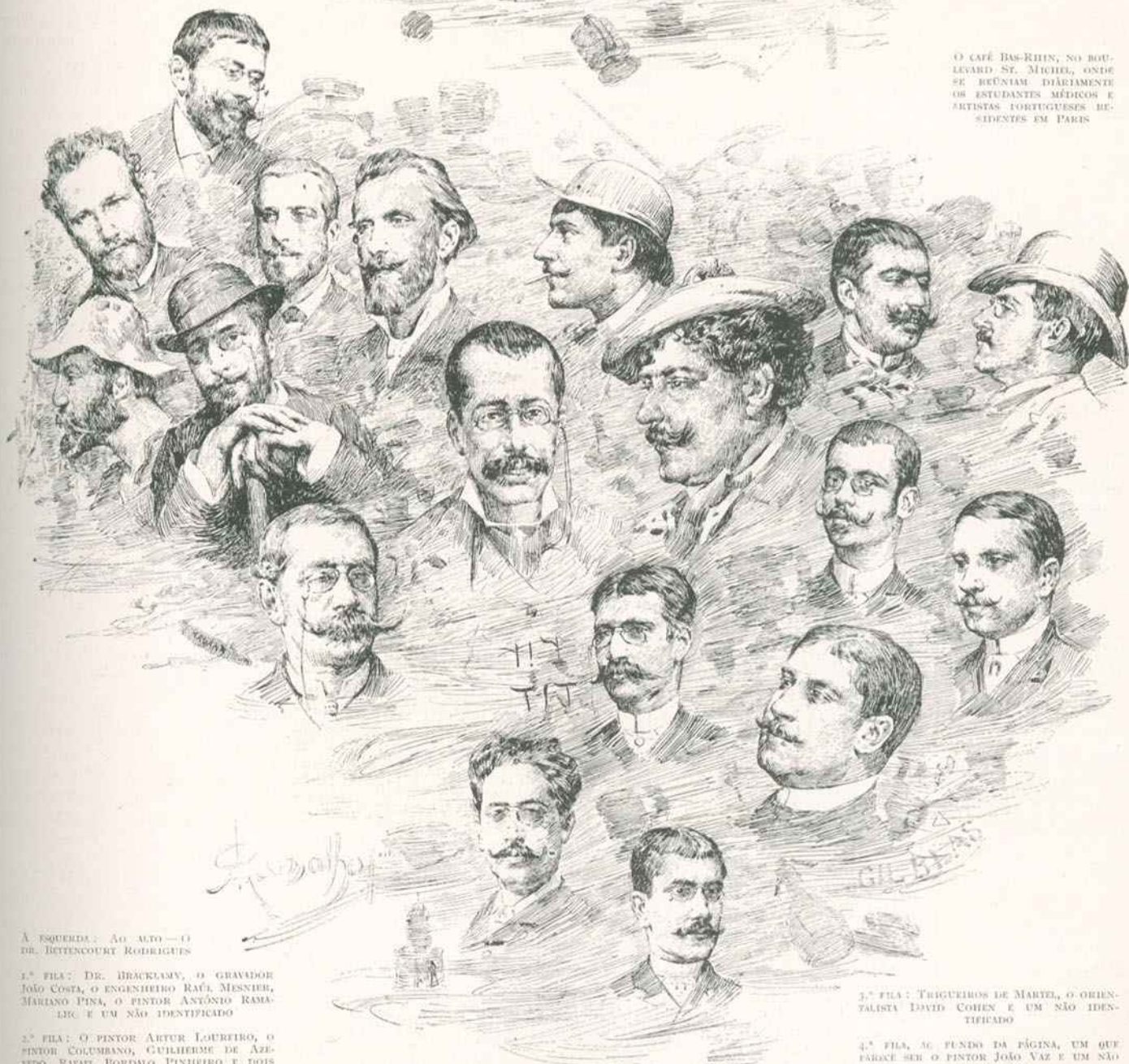
Pagina inédita

do  
pintor

Antonio  
Ramalho



O CAFÉ BAS-RHIN, NO BOULEVARD ST. MICHEL, ONDE SE REÚNIAM DIARIAMENTE OS ESTUDANTES MÉDICOS E ARTISTAS PORTUGUESES RESIDENTES EM PARIS



À ESQUERDA: AO ALTO—O DR. BRETENCOURT RODRIGUES

1.ª FILA: DR. BRACKLAMY, O GRAVADOR JOÃO COSTA, O ENGENHEIRO RAÚL MESSIER, MARIANO PINA, O PINTOR ANTÓNIO RAMALHO E UM NÃO IDENTIFICADO

2.ª FILA: O PINTOR ARTUR LOUREIRO, O PINTOR COLUMBANO, GUILHERME DE AZEVEDO, RAFAEL BORDALO PINHEIRO E DOIS NÃO IDENTIFICADOS

3.ª FILA: TRIGUEIROS DE MARTEL, O ORIENTALISTA DAVID COHEN E UM NÃO IDENTIFICADO

4.ª FILA, AO FUNDO DA PÁGINA, UM QUE PARECE SER O PINTOR JOÃO VAZ E UM NÃO IDENTIFICADO

## A IGREJA DO LUMIAR

Na noite de 6 para 7 de Fevereiro, a velha igreja do Lumiar foi devorada pelas chamas dum violento incêndio.

O sacristão, um pobre homem inofensivo e devoto, ficara na igreja até tarde, cuidando dos preparativos para a festa do dia seguinte; deixou uma vela acêsa, por esquecimento, na casa da cêra, ao fundo do altar-mór, e tanto bastou para que o lume se comunicasse às madeiras ressequidas e colgaduras, de modo que o interior do templo está hoje devastado pelas labaredas e pelo desabar do tecto, que tornou a nave central num enorme brasero.

Assim se perdeu o altar-mór, de bela talha doirada; o côro, também de talha; a teia de mármore côr de rosa e pau santo; o púlpito, os quadros antigos e azulejos preciosos, de que se salvou apenas uma pequena parte.

A igreja de S. João Baptista, do Lumiar, fundada em 1276, pelo Bispo de Lisboa, deve ter sofrido várias reconstruções; uma inscrição no nicho do Padroeiro indica uma em 1603, e o estilo dos altares é de épocas diversas. Ficou intacto o de Nossa Senhora de Fátima, em que não ardeu nem a renda da toalha.

Sousa Viterbo, no seu valioso trabalho *Cruzeiros de Portugal*, refere-se à igreja do Lumiar, nestes termos:

«A igreja não se impõe exteriormente por nenhuma beleza architectónica, mas o seu interior agrada e interessa. É de três naves, divididas por duas renques de cinco grossas colunas cada uma. Pegado à terceira coluna, do lado do Evangelho, existe hoje o púlpito, de colonelos de mármore de duas côres, que circundam o chão do dito púlpito, o qual assenta sobre uma colunata ou espiçãção leve, cuidada e não destituída de elegância. Deve ter sido este púlpito para ali transferido do seu primitivo lugar, que foi na segunda coluna da banda da Epístola, a contar da capela-mor, pois que uma inscrição que se lê na parte inferior do fuste da dita segunda coluna, assim o indica. A inscrição diz: *João Mateos lavrou este púlpito 1546*. Quem seria este Mateus? Forneceu-nos esta

nota, amavelmente, o visconde de Castilho.»

Sim, quem seria João Mateus? A assinatura do lavrante, obscura ou célebre, impressiona sempre.

Apesar de não haver beleza na parte exterior do edifício, como muito bem diz Sousa Viterbo, o conjunto do largo é que tem um ar sereno e antigo, com o seu cruzeiro, datado de 1619, as suas oliveiras no largo terreiro e o palácio do Monteiro-Mór, ladeando a estrada. Há em tudo um aspecto de burgo fidalgo, ao mesmo tempo senhoril e singelo. Que-dámo-nos a meditar diante da lápide que marca a sepultura dos cavaleiros que trouxeram a reliquia de Santa Brígida:

«Aqui nestas três sepulturas jazem enterrados os três cavaleiros ibérmios que trouxeram a cabeça da bem-aventurada Santa-Brígida, Virgem, natural de Ibernia, cuja reliquia está nesta capela. Para memoria do qual os officiaes da mesa da bem-aventurada Santa mandaram fazer este em janeiro de 1283.»

Não me referirei à lenda da Santa, de que os jornais deram o resumo. Quem tiver curiosidade dela pode encontrá-la no *Breve exemplar das vidas de alguns cônegos regulares do grande Patriarca Santo Agostinho*, por D. Timóteo dos Mártires.

No interior da igreja havia um ambiente de paz e de recolhimento, em que parecia prolongar-se um passado mais forte e menos cruel, de fé mais viva e sentimento mais profundo.



O ALTAR DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA QUE FICOU INTACTO.

No silêncio nocturno daquele sítio retirado, vibrou o grito dum rapaz que passava, às duas horas da noite de 6 de Fevereiro, e viu saír a fumarada duma das janelas da igreja. Alarmado e ansioso, correu ao posto de chamadas e arrombou o vidro, com a mão nua, que ficou a escorrer sangue... A triste nova espalha-se... Aparecem os bombeiros, salvam heróicamente o Sacrário, não consentindo que o senhor Prior pratique esse acto de abnegação. O tecto da igreja desaba com estrondo... Gritos de angústia ressoam...

De manhã, quando já se faz o rescaldo, o senhor Prior, cristãmente resignado, diz a missa dominical na capela de Santa Rita, do palácio do Monteiro-Mór, pertencente aos duques de Palmela.

Quando tornará a dizer missa, na sua igreja, de que tão pouco se salvou?... Com o seu rosto macerado, parece a estátua da Amargura.

E eu, que julgava não ter no coração lugar para mais tristezas e saudades, sinto já saudades, também, dessa linda igreja antiga, a que me acolhi em horas dolorosas, buscando na sua penumbra um pouco de resignação e de paz.

Maria de Carvalho.



A IGREJA DO LUMIAR ANTES DO INCÊNDIO

# As vítimas

*Sala Império. Pelas vidraças, adivinha-se a névoa de um jardim. PEDRO, oito anos, forte, moreno, reflexivo, triste, com o aspecto precoce dos petizes que nós vemos nas estampas de Poulbot, vem visitar a mãe, divorciada e já casada com outro. Recebe-o NINETTE, filha do marido da mãe de PEDRO, oito anos também, loira, frágil, viva, bonita, olhos de porcelana, boca expressiva de mulher, pernas nuas, braços nus, e um laço enorme nos cabelos encaracolados, que lhe dá o ar de uma grande borboleta côr de rosa. — Tarde de outono.*

do que ela. Não achas bonita, a minha mamã?

NINETTE — Eu só gostava da minha.

PEDRO — Também se casou outra vez?

NINETTE — Morreu.

PEDRO — Tu foste mais feliz.

NINETTE — Porquê?

PEDRO — Ao menos, não tens de ir ver a tua mãe a casa de outro homem.

NINETTE — O meu pai não gosta de ti. Mas eu gosto. — Vamos para o jardim?

PEDRO — Que estavas tu a fazer?

NINETTE — A saltar a corda.

PEDRO — Eu já não estou em idade de brincar.

NINETTE — Não?

PEDRO — Sou um homem. E tu, também, já és uma mulher.

NINETTE — Isso sei eu. Mas gosto de saltar a corda.

PEDRO — Só faço desportos de categoria. Vês êstes sapatos?

NINETTE — Vejo.

PEDRO — São sapatos de tennis.

NINETTE — O meu irmão também joga o tennis. Até jogou com a Suzana Langlen.

PEDRO — A mamã esqueceu-se de mim.

NINETTE — Não esqueceu.

PEDRO — Então, porque saíu ela? Era o dia de eu vir. É o primeiro domingo do mês.

NINETTE — Tu vieste hoje mais cedo.

PEDRO — Sabes onde ela foi?

NINETTE — Não me disse nada. Não é minha amiga. — Mas eu sei o que ela foi fazer.

PEDRO — Sabes?

NINETTE — Foi comprar um presente para ti, às escondidas do meu papá.

PEDRO — É o teu pai, está em casa?

NINETTE — Não. Sai sempre, nos dias em que tu vens.

PEDRO — Porquê?

NINETTE — Porque não se quer encontrar contigo. *(Depois de um silêncio)* Quem te trouxe?

PEDRO — Miss Dorothy. Vim no automóvel. Temos um carro novo, sabes?

NINETTE — O nosso também é bom. Ontem fui passear com a tua mãe.

PEDRO — Subi com miss Dorothy. A outra ficou lá em baixo, à espera.

NINETTE — Quem é a outra?

PEDRO — A mulher do meu pai.

NINETTE — É bonita?

PEDRO — A mamã é mais bonita

PEDRO — Que idade tem o teu irmão?

NINETTE — O Zeca?

T e m dezase-

te anos.

PEDRO

— Já é

velho.

N ã o

p o d e

jogar

bem.



NINETTE — A tua mamã também joga, às vezes, com êle. E quási sempre perde.

PEDRO — Eu também, daqui a pouco, já estou velho.

NINETTE — Quantos anos tens?

PEDRO — Oito. Mas, quando me perguntam, digo que tenho sete.

NINETTE — Eu também tenho oito. Mas digo a tôda a gente que tenho seis.

PEDRO — É preciso não nos deixarmos envelhecer. Miss Dorothy — sabes? — já fêz vinte e dois anos.

NINETTE — A essa idade não chego eu.

— Queres patinar, no tennis?

PEDRO — Não. Eu espero aqui a mamã.

NINETTE — Tens saúdades dela?

PEDRO — Tenho. Só a vêjo de mês a mês. Quando ela saíu de casa, chorei muito.

NINETTE — Porque foi que ela saíu de casa?

PEDRO — Zangou-se com o meu pai.

NINETTE — Às vezes, também se zanga com o meu.

PEDRO — Mas a mamã teve razão.

NINETTE — Com o meu, nunca tem. — É porque foi que ela se zangou?



PEDRO — Não são coisas para se dizem a meninas.

NINETTE — Não faz mal. Eu já leio romances.

PEDRO — Que romances?

NINETTE — Romances sentimentais.

PEDRO, *olhando-a* — Sabes? Eu gosto muito dos cabelos loiros. Assim, como os teus.

NINETTE — Já disse à tua mamã para me deixar cortar os cabelos à *garçonne*. Mas ela não quiere.

PEDRO — Eu peço-lhe.

NINETTE — Também não me deixa pintar a boca. Mas eu pinto-me, às escondidas.

PEDRO — Hei-de pedir à mamã que seja tua amiga.

NINETTE — Nunca me deu um beijo, sabes?

PEDRO — Só me dá beijos a mim.

NINETTE — E ao meu pai.

PEDRO, *com as lágrimas nos olhos* — Sim. Ao teu pai.

NINETTE — Que tens tu?

PEDRO — Nada. Há coisas que fazem pena. (*Depois de um silêncio*) Fumava agora um cigarro.

NINETTE — Queres um cigarro? Eu tenho ali.

PEDRO — São do teu pai?

NINETTE — Não. São da tua mamã.

PEDRO, *tirando um cigarro de uma caixa de faiança italiana que Ni-*

NETTE *vai buscar*. — São bonitos. A mamã, dantes, não fumava.

NINETTE — Agora, fuma muito. Tem cigarros de tôdas as qualidades. Para ela e para as amigas.

PEDRO — Recebe muitas amigas?

NINETTE — Às quartas-feiras.

PEDRO, *acendendo o cigarro* — Faz mal. Eu bem a tenho aconselhado. Mas ela não ouve os meus conselhos.

NINETTE — Que mal faz, receber visitas?

PEDRO — Foi por causa disso que o papá e a mamã se divorciaram.

NINETTE — Por causa das visitas que ela recebia?

PEDRO — Um dia, a mamã olhou para um espelho e viu uma das amigas dela abraçada ao papá.

NINETTE — A dançar?

PEDRO — Não. Não foi a dançar.

NINETTE — Então, a fazer o quê?

PEDRO — Não são conversas que se tenham com uma menina.

NINETTE — Eu já sei o que foi.

PEDRO — Que foi?

NINETTE — Deu-lhe um beijo. — O teu papá é bonito?

PEDRO — É como eu.

NINETTE — Então, não é feio. Um beijo não faz mal nenhum. Às vezes, os homens beijam-me, na rua. E ninguém repara.

PEDRO — Conforme.



NINETTE — Quando tu cá vieste, faz hoje um mês, a tua mãe disse-me que te desse um beijo.

PEDRO — É que eu sou um homem solteiro.

NINETTE — Porque é que não se deve beijar os homens casados?

PEDRO — Porque os faz infelizes. Meu pai, desde que a mamã viu no espelho outra mulher a beijá-lo, nunca mais foi feliz.

NINETTE, *olhando os espelhos da sala*. — Nunca mais foi feliz?

PEDRO — Não. — Que estás tu a olhar?

NINETTE — Vou dizer ao papá que tire daqui estes espelhos todos.

PEDRO — Fazes bem. A minha mãe tem tantas amigas...

NINETTE — Afinal, ela demora-se. Podíamos ter ido patinar para o jardim.

PEDRO — Naturalmente, não se lembrou de que eu vinha hoje vê-la...

NINETTE — Não sei.

PEDRO — Ela não te disse nada?

NINETTE — Disse que ia fazer umas compras. E eu julguei que era alguma coisa para te dar, às escondidas do papá.

PEDRO — Esqueceu-se. Desde que ela fugiu de casa, todos se esquecem de mim.

NINETTE — Queres que te dê o lunch?

PEDRO, *chorando* — Tu és mais feliz do que eu. Vês todos os dias a minha mãe...

NINETTE — Não chores. (*Abraçando-o, quasi a chorar também*) Se ela não vier, eu fico ao pé de ti. Eu sei fazer de tua mamã...

PEDRO — Não sabes, não.

NINETTE, *imitando a voz de uma mulher, enquanto enxuga, com ternura, os olhos de Pedro* — Não chores, meu filho... Não vês que já aqui estou? Não me esqueci de que tu vinhas hoje...

PEDRO, *a cabeça sobre o ombro de Ni-*

NETTE, *num soluço* — Esqueceste-te, sim...

NINETTE, *comovida, maternal, abraçando PEDRO, como a uma criança*. — Dê cá um beijo. Não digas nada a ninguém... Eu já tenho saudades de ti e do papá. E, um dia, volto para a nossa casa...

PEDRO — Não. Nunca mais...

A MÃE DE PEDRO, *loira, pintada, saias curtas, entrando e vendo os dois pequenos*. — Então, que é isso, Ninette?

PEDRO, *desprendendo-se dos braços de NINETTE e saltando ao pescoço da mãe*. — Mamã! Mamã!

Júlio Dantas.

(Desenhos de Alberto de Sousa)



O desenvolvimento dos sucessos na recente questão em volta da Mandchúria, que veio atizar velhos ódios entre chineses e japoneses, veio também, por assim dizer, actualizar, pôr em foco, como se diz em terminologia jornalística, a grande e secular muralha da China. Com efeito, um *ultimatum* japonês, já em fins do ano passado exigia do comando militar da China que as tropas chinesas recolhessem para dentro dos limites dessa enormíssima muralha que separa a China, propriamente dita, do resto do mundo.

Obedeceu o general Ma, na qualidade de comandante em chefe das tropas avançadas dos chineses operando na Mandchúria, mas, desde então, o conflito, longe de solucionar-se, tem prosseguido, se não agravando-se, pelo menos demonstrando que os bons propósitos da S. D. N. são, tanto para japoneses como para chineses, palavras vãs que eles não querem ouvir desde que se trate dos seus interesses pessoais...

Torna-se, portanto, curioso e oportuno dedicar as poucas linhas desta crónica a essa grande muralha que ainda continua a separar dois povos em pé de guerra e que é e será uma das grandes maravilhas do mundo.

\* \* \*

Poderíamos começar, neste propósito, como nos contos de fadas... Era uma vez um imperador que se chamava *Ch'in Shih Hwangti* e que se considerava o primeiro dirigente da Humanidade...

Efectivamente aquele chinês, despótico e ambicioso, pretendia ser o primeiro imperador da China, chegando, nessa sua obsessão, a mandar queimar todos os livros de História e todos os documentos, para que não se pudesse provar o contrário. O fogo que os seus homens deitavam aos velhos arquivos servia para queimar o passado, e Hwangti, sentindo-se predestinado para levar a

## A MURALHA DA CHINA

efeito uma grande obra, entendia que a história da Humanidade deveria começar por ele, só por ele!

Mas o interessante é que, ao passo que destruíra por um lado, *Ch'in Shih Hwangti*, pela simples necessidade em facilitar a deslocação dos seus emissários e das suas tropas, construíra, por outro, as grandes estradas da China...

Continuando na sua obra reformadora, este imperador que trouxera, conjuntamente com o seu despotismo, uma espécie de característica revolucionária no que respeitava à veneranda tradição dos chineses, passou a simplificar a vida da corte e as etiquetas. Dir-se-ia ser como que um homem de negócios americano dos nossos tempos, a quem subisse à cabeça a ideia de *americanisar* a velha, romântica e aristocrática Europa...

Foi assim que os chineses daquele tempo quasi desmaiaram de susto quando o seu imperador decretou que se acabavam as cerimónias exageradas e em uso na corte e que estava disposto a receber os seus vassallos, decentemente vestidos sim, mas sem penas de pavão espetadas nos barretes e sem as compridíssimas caudas dos seus vestidos, e que os dispensava das longas jornadas até aos templos antes de se dirigirem ao palácio para se avistarem com a família imperial!

Se fôssemos a enumerar as reformas daquele práctico soberano não terminaríamos a crónica, e por isso saltamos sobre todas elas para nos referirmos somente à sua maior obra, àquela exactamente que ele empreendeu cerca do fim da sua vida, e que foi a construção da grande muralha, esse muro altíssimo e enormíssimo

que tem feito pasmar gerações e gerações e em que se falava ainda há umas dezenas de anos atrás como que se fôsse uma das maravilhas do trabalho humano jámais igualada.

O seu verdadeiro começo parece estar historicamente localizado a leste de Pequim, junto a três templos em face do mar, e pretende-se que os trabalhos tenham começado no ano 247 da era antes de Cristo, sendo o principal fim da colossal construção precaver o país das invasões dos mongóis e dos manchús.

O sábio investigador Oswald Sirén, do Museu Nacional de Estocolmo, classifica a grande muralha como sendo o monumento mais antigo da China. Blasco Ibañez refere-se-lhe na sua obra «À volta do mundo», dizendo que ela apresenta o aspecto ondulado do dorso de um dragão, linha assaz apreciada por todos os artistas chineses.

São diferentes as opiniões quanto à extensão construída durante o governo de Hwangti. A maioria congrega-se em afirmar que o imperador conseguiu presidir à construção de setecentos e cinquenta quilómetros de muralha.

A obra foi continuada após a sua morte e o colossal baluarte terminado numa extensão total de seiscentas léguas! A sua altura varia entre cinco e dezasseis metros, e a sua espessura orça por três a quatro metros, permitindo no seu cimo a construção de uma passagem ligeada, assaz larga para sobre ela se efectuar o trânsito.

O conjunto dos diferentes panoramas que se podem admirar dos vários pontos da muralha é, como se compreende, grandioso e variadíssimo, bastando pensar-se na extensão enorme do formidável paredão que acompanha as ondulações naturais do terreno no decurso de tantas e tantas léguas, tão depressa trepando pelas encostas de montanhas até ao seu cimo, como passando por estreitos vales e atravessando sobre caudalosos rios.

Em diferentes pontos do percurso encontram-se inúmeras e interessantíssimas estátuas de pedra representando imperadores, divindades e animais sagrados. Principalmente a célebre avenida dos *animais de pedra* apresenta um conjunto curioso e tradicional que data de há muitos séculos, dizendo alguns entendidos que é anterior à construção da muralha. A seguir a esta alameda, encontram-se os túmulos da dinastia dos Ming de data relativamente já muito mais recente.

A única nota, talvez desagradável, é o estado ruinoso que a muralha, de quando em quando, apresenta e, principalmente, em pontos afastados dos grandes meios e das cidades mais importantes e onde a acção devastadora do tempo se tem feito sentir. Porque, contra o que muita gente supõe, a muralha não é inteiramente construída de pedra. Todo o seu interior se limita a terra e só o revestimento é que foi feito com teijólo, de maneira, já se vê, a dar a impressão aos leigos que se encontravam diante da mais inexpugnável barreira, — prova suficiente da esper-teza, ainda assim um tanto ingénua para os nossos dias, dos chineses daquele tempo...

De tal maneira, a muralha, de quando em quando, passou a requerer urgentes reparações, e com o andar dos séculos, tanta vez foi remendada e concertada, que faz lembrar aquela divertida história da meia de sêda que, à força de tantos remendos a linha de pontear, acabou por ser uma meia, sim, mas de simples algodão... Por isso são unânimes os arqueólogos chineses, em afirmar que da obra original, devida ao imperador Hwangti, pouco ou quasi nada resta. A maior parte da actual muralha da China foi reedificada pelos soberanos da dinastia dos Ming, que, no seu tempo, temiam muito a invasão dos mandchús, o que não conseguiram evitar, como a História o prova.

Não constitui, portanto, a grande muralha, sob o ponto de vista estratégico, um baluarte inexpugnável. O chinês, sendo de uma inteligência rara e de uma cultura que remonta aos primeiros tempos da Humanidade, descobriu, há muitos séculos, muitíssimas das coisas que, só mais tarde, o resto do mundo, por sua vez, descobria e improvisava. O que o chinês nunca conseguiu ser, foi um bom soldado... Prova-o a grande muralha, construída, afinal, mais para assustar os incautos do que para garantir a defesa absoluta do seu território e cujo maior valor reside, inquestionavelmente, no colossal esforço humano empregado na sua construção, considerado superior ao gasto pelo egípcios com as pirâmides.

Poderemos interpretar, também, a construção da grande muralha mais pela monomania de todo o bom chinês em levantar muros em volta de tudo quanto seja seu. O mais simples jardim, a mais pequena casa, tem o seu muro. En-

tendem êles, e quem sabe se com muita razão, que os estranhos não têm nada que vêr nem que saber da vida do próximo... Cada qual em sua casa a fazer o que lhe aprouver, e no seu jardim a dormir de barriga para o ar... Que importa isso aos vizinhos?

Por isso cercam as suas propriedades de muros mais ou menos altos, e as janelas das casas que dão para a rua só servem para deixar passar a luz. Todas aquelas destinadas a serem abertas dão para pátios interiores. Desta maneira, nem os vizinhos se lembram de olhar para a casa dos outros, nem os próprios donos da casa se tentam em olhar para as dos vizinhos.

No actual conflito entre chineses e japoneses, não são necessários grandes conhecimentos de estratégia militar para avaliarmos que, se a questão fosse unicamente solucionável pelas armas, a China perderia a jogada. Sistemática e, digamos mesmo, *tradicionalmente* os chineses têm cedido a todas as invasões e podem considerar-se, actualmente, mais fracos do que nunca.



A MURALHA TEM A LARGURA SUFICIENTE PARA SOBRE ELA SE EFECTUAR O TRÁNSITO

O Japão é que, persistindo numa declaração de guerra, modificou a sua táctica, mudando a zona de ataque dos territórios da Mandchúria para Xangai.

A grande muralha que, até há pouco, albergava um povo disposto a opôr aos seus agressores uma simples resistência passiva, passou, logo após o ataque a Xangai, a sentir o entusiasmo guerreiro e patriótico dos chineses. A China respondeu ao ataque dos seus agressores, primeiro com uma indiferença que roçava pelo absoluto desprezo, e, finalmente, com um grito de revolta que convidava todos os chineses de bem a partir para o combate contra os inimigos.



AS CURVAS CAPRICIOSAS DA MURALHA ACOMPANHAM AS ONDULAÇÕES DO TERRENO ASSEMBELHANDO O DORSO DE UM DRAGÃO

Mas se a China está fraca e gasta após tantos e tantos séculos haver sido a precursora de toda uma civilização, de



UMA DAS ESTÁTUAS DE PEDRA NA ALAMEDA DOS ANIMAIS

que lhe serve o entusiasmo patriótico contra um adversário muito mais forte?

Lá está a grande muralha, dirão alguns. Lá está esse enorme baluarte que na imaginação de imensos dos nossos antepassados era qualquer coisa de tão inexpugnável que garantia, por séculos e séculos, uma vida de paz e de sossego a todos os chineses.

Lá estão, de espaço a espaço, as tôrres que guarnecem a grande muralha, e lá se encontram os velhos e primitivos canhões de bronze que os chineses foram do primeiros a inventar, assim como se se lhes atribui a descoberta da pólvora. Pois é caso para, fazendo *blague*, não acreditar que um povo que descobriu a pólvora, tivesse construído uma muralha que a pólvora das peças dos outros tão facilmente pode arrazar... A vida tem destes imprevistos. Mais de três mil anos após a sua

construção, a grande muralha torna a dar que falar de si.

Que papel lhe estará reservado no conflito entre a China e o Japão?

Uma caricatura chinesa, publicada recentemente no *North China Daily News*, representava um pacífico chinês debruçado no alto da muralha a olhar um bando de japoneses que reclamavam, num choro incessante, a guerra, e a legenda dessa caricatura comentava: *A grande muralha chinesa, ou o novo muro das lamentações.*

Por sua vez, um correspondente do *Times* referindo-se à retirada das tropas chinesas para dentro da grande muralha, era de opinião que esse gesto dos chineses concorreria, sem dúvida, para salvar uma inútil carnificina e evitar a declaração definitiva da guerra...

Como se vê, à grande muralha está, pois, reservado um papel de grande preponderância que os pacifistas não poderão deixar de classificar de um absoluto e filantrópico humanitarismo.

A morte de Afonso V, as caravelas portuguesas tinham atingido o Cabo de Santa Catarina, dois graus ao sul do Equador. E logo as intenções do novo rei, a quem o *Africano*, ainda em vida, fizera doação dos *trautos da Guiné e pescarias dos mares delles*, definiu a sua futura atitude, enviando, em fins de 1481, a grande armada de



DIOGO CÃO

Diogo de Azambuja para acabamento da fortaleza de Arguim e construção do castelo de S. Jorge da Mina, a fim de atraír para ali o resgate do ouro e de estabelecer uma base às empresas que ia decididamente tentar. O lucro anual do tráfico da Guiné é avaliado por Duarte Pacheco em 220.000 dobrões de ouro!

Para garantir o domínio exclusivo das costas africanas, D. João II procurou obter dos Reis Católicos, como dote de sua nora, as Canárias, «que el-rei sempre desejou para maior segurança da Guiné»; ao rei de Inglaterra enviou a embaixada de Rui de Sousa em 1482, para que não fosse consentida a ida de navios ingleses às costas equatoriais africanas; por bula de Nisto IV, depois confirmada por Inocência VIII, foram concedidas à coroa portuguesa tôdas as ilhas e terra firme, descobertas e por descobrir, desde os cabos Bojador e Não, por tôda a Guiné, até à Índia.

Assim assegurado o absoluto senhorio das costas africanas, as navegações proseguiram activamente. Os marinheiros de Fernão Gomes atingem, além do Cabo de Santa Catarina, o rio e cabo que nas antigas cartas trazem o seu nome (*Fernandi Gomes fluxus*); Álvaro Martins descobre o golfo e enseada que baptisa com o seu nome, a 3.º de latitude sul; e depois foram alcançados, sucessivamente, o *Golfo dos Montes*, os *Dois Montes*, a *Práia de S. Domingos*, o *Golfo do Índio*, o *Palmar* e o *Cabo das Palmas*, entre 4º e 6º.

Em 1482 sai de Lisboa a expedição do escudeiro Diogo Cão, neto de Gonçalo Cão, senhor de Badajoz, que no tempo de D. João I se havia distinguido nas lutas contra Castela. A armada, composta de 6 velas, levava víveres para longa demora e valiosos artigos para permuta e presentes aos potentados das regiões africanas a visitar. Conduzia, além disso, dois padrões de pedra, tendo numa das faces do capitel cúbico o escudo das armas nacionais, e nas outras uma inscrição em português fixando a data da empresa.

## Figuras da História de Angola

### DIOGO CÃO

Pouco ou nada se sabe das condições em que a viagem se effectuou. Apenas se pode afirmar que a armada tocou na Madeira e nas Canárias, seguindo daí à fortaleza da Mina, para cruzar o golfo da Guiné em direcção ao cabo de Santa Catarina. Continuando para sul, Diogo Cão entrou a navegar numa zona de águas barrentas, que iniludivelmente denunciavam a existência de um grande curso de água. A curiosidade da tripulação, já de si aguçada pelo facto de navegarem em novos mares, devia ter sido despertada ainda por essa inesperada circunstância. À medida que se aproximavam de terra, experimentaram os efeitos de uma corrente vertiginosa, que cortava o mar perpendicularmente ao continente.

Era mais que evidente a proximidade de um grande rio. De



FORTALEZA DE S. JORGE DA MINA

facto, tendo conseguido tornear a corrente, a armada penetrava num largo estuário, de margens habitadas por negros pacíficos, dependentes de um potentado chamado *Manicongo*, cuja côrte ficava no interior das terras, para os lados da margem esquerda do rio. Pelo rápido reconhecimento a que a armada pôde proceder verificou achar-se em presença de «um dos grandes (rios) que no mundo se sabe de água doce, que é de largo duas leguas, e de alto em tôda a bôca e muito dentro setenta braças».

Diogo Cão desembarca solenemente e coloca a primeira coluna de pedra — *Padrão de S. Jorge* — no local a que ainda hoje se chama *Ponta do Padrão*, nome que nos primeiros roteiros se tornou extensivo ao próprio rio Zaire.

Do successo desta descoberta pode avaliar-se pelas referências que ao grande rio, bem como ao Império do Manicongo, fazem os cronistas da época, narrando como Diogo Cão entrou em

relações com o príncipe do Sonho, residente em Praça, na foz do Zaire, que era tio do Imperador e foi baptizado por um dos dominicanos da armada.

Agasalhou o senhor do Sonho os portugueses que Diogo Cão ali deixou para aprenderem a língua do Congo e promoveu as primeiras ligações com o próprio Imperador, que benévola mente recebeu as propostas de conversão ao cristianismo, enviando um presente de escravos para o rei de Portugal. Diogo Cão remete por sua vez ao Manicongo presentes «de muitas coisas desvariadas umas das outras e lhe mandou dizer como a dita armada era de El-Rei de Portugal, que com todo o mundo tinha paz e amizade».

No propósito de levar até onde lhe fôsse possível a exploração da costa africana, e talvez na esperança de dobrar a sua ponta meridional, seguiu o grande navegador para o sul, descendo ao longo de todo o império do Congo e alcançando ainda o *reino de Benguela*, em cuja costa assentou (13º 27') o *padrão de Santo Agostinho*.

Razões que hoje é já impossível determinar obrigaram-no a retroceder, recolhendo nas margens do Zaire alguns pretos que levou para Portugal. Mas erguida

ao alto, a coluna de pedra lá ficava, afirmando para sempre que «na era da criação do mundo de seis mil 681, ano do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e 82, o mui

alto, mui excelente e poderoso príncipe, el-rei D. João Segundo de Portugal, mandou descobrir esta terra e pôr estes padrões, por Diogo Cão, escudeiro da sua casa».

Ao chegar a Portugal, esperava-o o mais lisongeiro acolhimento da parte do Príncipe Perfeito, que reconhecendo com a sua apurada intuição de justiça, os

serviços por êle prestados no norte de África e na Guiné, não só

em tempos de Afonso V, mas no seu próprio reinado, e tendo em apreço

as suas qualidades de «homem esforçado, leal e desejador de nosso serviço e honra», lhe estabeleceu, em Abril de 1484, uma renda de 10.000 reais brancos e lhe mandou passar *carta de nobrecimento*, pela qual o separava do número dos plebeus, considerando-o, com tôdas as regalias, nobre de cota de armas.

Essa carta foi passada já quando era definido o pro-

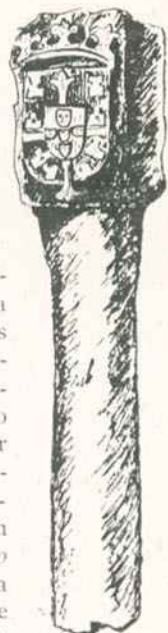


ESCUDO DE DIOGO CÃO

«Em campo verde duas pedras, e em cada um sua columna ou padrão de prata levantados ao alto, sobre cada um destes uma cruz azul. Timbre: duas columnas em assa atalhas com um torçal verde.»

pósito de o enviar de novo em prosseguimento da sua obra de navegador, porque, ao referir-se aos seus serviços, nela claramente se diz: «em especial nas ditas partes de Guiné *honde ora enviamos a descobrir* por serviço de ds. e trabalho de augmentação da nossa Santa fee Catholica, bem e acrecentamento de nossos Reynos».

De facto, Diogo Cão volta ao Congo, repatriando os pretos que levára a Portugal. Leva consigo franciscanos no intento de fazer germinar nas novas terras a semente da fé, lançada pelos portugueses na sua primeira viagem. Mas, a par das relações que pretende estabelecer com o potentado do Congo, o illustre marinheiro — que, se fôra favorecido das circunstâncias, bem pudera ter dobrado o Cabo Tormentoso — estende para o sul a sua derrota. Costeia todo o reino de Benguela, em cujo extremo coloca o *padrão do Cabo Negro* (15° 40'), e alonga a navegação, pelas costas áridas de Matamam até pelo menos à Serra Parda (21° 48'), onde deixa o seu último padrão.



PADRÃO DE S. MARTINHO

Que razões teriam determinado, pela segunda vez, Diogo Cão a voltar atrás, abandonando assim os seus audaciosos propósitos? O costumeado descontentamento da tripulação, contra que todos os navegadores tiveram de lutar? A impossibilidade de reabastecimento, em especial de água doce, numa costa sempre estéril, mas que, momento a momento, acentuava tentadoramente a sua inflexão para leste?

Estas interrogações ficarão sem resposta, a não ser que novos documentos venham trazer alguma luz sobre as viagens do esforçado navegador que imediatamente precedeu Bartolomeu Dias.

Ao passar de novo pelo Zaire, já a caminho de Portugal, Diogo Cão entra no estuário do rio e sobe o seu curso numa extensão de 160 quilómetros, até às cataratas de Yelala, em cujos rochedos deixa as célebres inscrições, pelas quais nos é dado conhecer os nomes de alguns dos seus gloriosos companheiros: «Aqui chegaram os navios do esclarecido rei D. João II de Portugal. Diogo Cão, Pedro Anes, Pedro da Costa, Álvaro Pires, Pedro Escobar, João de Santiágo, morto de doença, Gonçalo Alves, Antão, Diogo Pedro e Gonçalo Alves». Juntamente com estes dizeres, estão gravadas na rocha uma cruz latina e o escudo de Portugal, posterior à sua reformação de 1485.

Daí possivelmente cortou Diogo Cão por terra, direito à côrte do Manicongo,

em Ambasse, onde hoje é S. Salvador, sendo recebido festivamente pelo potentado africano, que, em favoráveis disposições de acolher a doutrinação cristã, despediu com tôdas as honras o navegador português. Em sua companhia mandava o embaixador *Caçuta*, fidalgo da terra, com um presente de marfim e panos de palma para D. João II, a quem pedia para lhe enviar sacerdotes, mecânicos e lavradores. Com o embaixador iam também alguns rapazes das melhores famílias para serem instruídos em Portugal.

Este embaixador *Caçuta* foi mais tarde (1490) solenemente baptizado em Beja, tomando o nome de *D. João da Silva* João, nome do rei; Silva, de Aires da Silva, camareiro-mor de D. João II).

\*  
\* \*

Como consequência das viagens de Diogo Cão, deve ser considerada a expedição enviada ao Congo em 14 de Dezembro de 1490, sob o comando de Gonçalo de Sousa, na qual ali regressaram os negros levados a Portugal, que haviam sido educados

em letras e religião no convento de Santo Elói, indo também muitos padres franciscanos, com materiais para construção de templos e alfaias para o culto.

Nesta fase decisiva das descobertas, quando já o Cabo das Tormentas havia sido montado, grande importância devia atribuir-se à evangelização do Congo, para distraír para este reino navios, gente e haveres!

Esse interesse acentuou-se em todo o reinado de D. Manuel, que chegou a encerrar a possibilidade de fazer-se a ligação com a Abissínia, navegando pelo Zaire até ao lago central africano, de que com tanta insistência falaram os exploradores portugueses no século XVI.

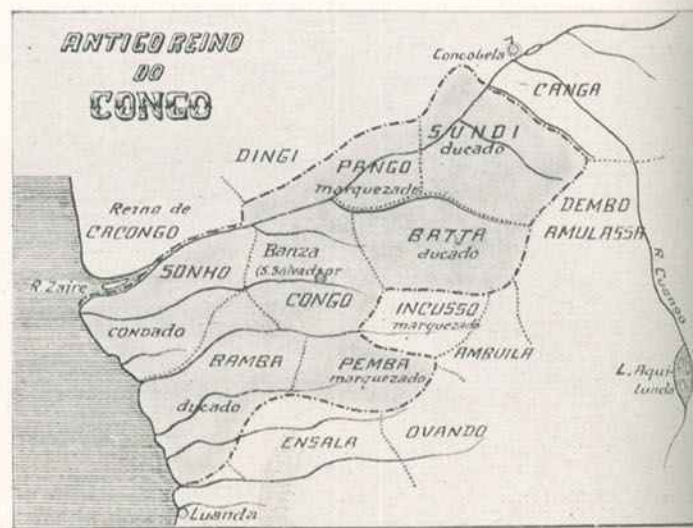
Do Congo se estendeu também para sul a acção dos portugueses, de tal forma que já antes de 1526 haviam atingido o coração do reino de Angola e, sessenta anos

depois, penetravam no reino de Benguela.

As viagens de Diogo Cão costumam ser com justiça consideradas como marcando o início da história da nossa grande colónia de Angola, pois que a história do Congo com ela se foi pouco a pouco fundindo, a ponto de ser hoje já impossível e até inconveniente procurar desligar as duas histórias, tal como seria inconveniente destruir a admirável unidade política de Angola, na qual se englobaram por nossa acção, os quatro antigos reinos indígenas do Congo, Angola, Matamba e Benguela.

A figura de Diogo Cão avulta, pois, de entre todos os precusores de Bartolomeu Dias, com notável destaque: por sua acção as navegações atingiram um momento de patético interesse, saindo da fase de nebulosa esperança, para alcançarem o instante de definida certeza; por sua acção se desvendou a existência de um grande Império, abaixo do Equador, descoberta que, atraíndo guerreiros, exploradores e missionários, veio a ter como consequência imediata a organização da *capitania de Angola*, base da nossa actual província da África Occidental.

Não deve caber a Diogo Cão a glória de ter dobrado o Cabo, como Luciano Cordeiro um momento suspeitou; mas as consequências dos seus feitos são suficientes para chamar sobre a figura do grande navegador trasmontano a curiosi-



dade, o interesse, digamos o amor de quantos, por bem do seu país, alargaram a sua vida até onde êle conseguiu impelir as caravelas daquele príncipe — *res altissimi vir cordis* — que, abrindo as portas do Oriente, lançou a humanidade numa nova época de heroísmo, de cultura e de prosperidade, como nunca mais se repetiu no mundo!

Sá da Bandeira.

Gastão de Sousa Dias.





# dá resca

**C**AMINHA um inglês por uma estrada dos arredores de Changai quando viu um chinês estendido no meio do chão.

— Que estás tu aí a fazer?  
— Estou morto, respondeu o chinês, erguendo um pouco a cabeça.

— Estás morto?! Então tu não sabes que a Inglaterra declarou que a guerra ainda não tinha começado? Ora levanta-te e segue o teu caminho.

É o pobre chinês, apesar de morto, levantou-se para não contrariar a Inglaterra.

■

Na aula de aritmética, o professor pergunta ao aluno:

— Se o menino todos os dias meter dez tostões de parte, o que tem no fim do mês?

— Tenho uma *trotinette*, respondeu o aluno.

■

Da Sabedoria das Nações:

Quando entrarem numa casa de vinhos ou numa leitaria, nunca digas: desta água não beberei.

■

Falava-se de uma pessoa muito infeliz:

— Isso não é nada, disse um velho general; a criatura mais infeliz que eu conheço é um pobre órfão que, com o pequeno ordenado de 300 escudos mensais, tem de sustentar o pai e a mãe.

■

Na catequese:

— Diga, menino Quim, quantos foram os doze apóstolos.

— Foram treze: S. Pedro e S. Paulo.

■

A Lili perguntava à Gigi:

— Querias ser a esposa de um milionário?

— Para te falar com franqueza, preferia ser a viúva.

De um dicionário  
BACALHAU — O  
tem subido mais.

DELICADEZA —  
pria dos condutores  
das meninas dos tele  
ELEGÂNCIA — Arte  
marido e de enrique  
ESPOSA — A alge  
prendem os maridos.

ESTRÉLA — Primei  
companhia de revis  
pouco e ganha muito.

FLIRT — Arte de  
não dar nada.

INGÉNUA DE COMÉ  
que sabe tudo mas  
saber nada.

MATRIMÓNIO — A se  
PATRIOTISMO — Uma  
amor e o desinteresse,  
lam mas que ninguém  
Alguns sábios dão  
mula para se conse  
mo, quimicamente

Bem estar — vinte  
Liberdade — trinta  
Vida barata — quin  
Um bom governo —

Misture tudo e  
causa das revolu

POKER — Jogo  
engano, mas ou  
ve fazer batota,  
seria uma *poke*

Um amigo meu  
gação telefónica  
de Janeiro. Mo  
pois, caía morto. A explicação do caso foi  
encontrada depois de várias investiga-  
ções.

O meu amigo era diabético e a menina  
dos telefones tinha-o ligado com o Pão  
de Açúcar.

— Não tenho antepassados?! Um dos  
meus avós foi o célebre almirante que  
comandou todas as esquadras do mundo.

— Isso é impossível.

— O quê, o meu amigo nega que eu  
seja descendente de Noé?

O Carnaval, através a história:

D. Afonso Henriques — Dá-me um  
dôminó, que me quero mascarar.

Egas Moniz — É a que baile ides?

D. Afonso Henriques — Ao do rei de  
Leão.

Egas Moniz — Nesse caso terá de ser  
um dôminó para os dois lados.

em preparação:  
aeroplano que

Qualidade pró-  
dos eléctricos e  
fones.

de arruinar o  
cer a modista.  
ma com que se

ra figura duma  
tas, que canta

prometer tudo e

DIA — Uma actriz  
que finge não

pultura do amor.  
coisa, como o  
de que todos fa-  
conhece.

a seguinte fór-  
guir patriotis-  
puro:

gramas.  
gramas.  
ze gramas.  
noventa gramas.

não agite, por  
ções.

que vive do  
de não se de-  
porque isso  
ria.

pediu uma li-  
para o Rio  
mentos de-  
pos.

Da sua casa de Lisboa, o Lopes pede  
uma ligação para o Pôrto.

Passada meia hora, toca o aparelho e a  
menina dos telefones diz:

— Pode falar.

— Pôrto! — grita o Lopes.

— Fale mais alto, recomenda a me-  
nina.

— Pôrto!! — berra o Lopes.

— Ainda mais alto.

— Pôrto!!!...

— Mais alto.

— Ó menina, se me fôsse possível gri-  
tar mais alto, ia à janela e falava directa-  
mente para o Pôrto, sem precisar do  
telefone.

Na Central dos Correios:

— Esta carta pesa muito, têm que lhe  
pôr outro sêlo.

— Ó demónio, mas se lhe ponho outro  
sêlo ainda fica a pesar mais!

# O Carnaval e as creanças



O BAILE INFANTIL NO GRÊMIO DE TRÊS-OS-MONTES



UMA LINDA VARINA ESTILIZADA



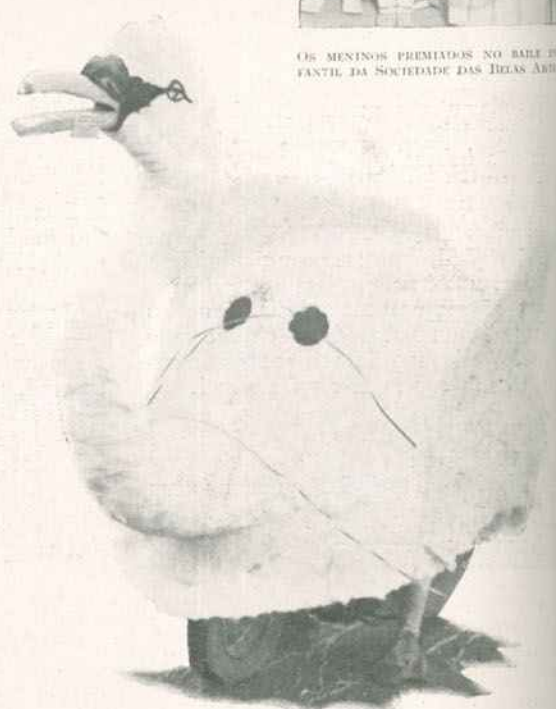
UMA GENTIL MINHOÇA



OS MENINOS PREMIADOS NO BAILE INFANTIL DA SOCIEDADE DAS BELAS ARTES



AS CRIANÇAS MASCARADAS QUE OBTIVERAM OS PRIMEIROS PRÊMIOS NO GRÊMIO DE TRÊS-OS-MONTES



A AVENIDA DA LIBERDADE TEVE CONCORRÊNCIA, MAS NÃO HOUVE ALGUM ESTE «PATO» FOI A ÚNICA NOTA ORIGINAL, QUE FEZ SOBRIE A PÉDIDA.

# Os Bailes do Carnaval



EM AINDA NOS GRÉMIOS E NOS CLUBS QUE O CARNAVAL SE ANIMOU UM POUQU... NO GRÉMIO DO MINHO DANÇOU-SE ATÉ DE MADRUUGDA DURANTE OS QUATRO DIAS...



A ASSISTÊNCIA AO CHÁ DE CARIDADE REALIZADO NA SOCIEDADE DAS BELAS ARTES NO SÁBADO GORDO



UM GRACIOSO GRUPO DE LAVRADEIRAS QUE DANÇOU ANIMADAMENTE, NO DOMINGO GORDO, NO GRÉMIO DO MINHO



ALGUMAS DAS SENHORAS QUE ASSISTIRAM AO «BAL-DE-ÉTRES» DO GRÉMIO DE TRÁS-OS-MONTES



A nota elegante do Carnaval deu-a o Casino Estoril, onde, nas quatro noites, se reuniu tudo quanto há de melhor na nossa sociedade. A nossa gravura representa um canto da vasta sala de dança, durante a noite de sábado, depois do baile dos «Pierrots brancos», que esteve animadíssimo e muito concorrido. As festas no soberbo Casino, decorreram, durante os dias e as noites de Carnaval, com o maior brilhantismo, com elevada arte e com a mais escolhida assistência. Marcaram, não só pela elegância, como pela superior organização. O Estoril, foi, por assim dizer, o local onde o Entrudo melhor fez esquecer as agruras da crise económica... Constituíram, pois, as festas do Casino, que decorreram com inexcitável entusiasmo, o acontecimento mundano do Entrudo de 1932

PIO XI

A seis de Fevereiro foi comemorada, solenemente, por todo o mundo católico, a data do décimo jubileu de S. S. o Papa Pio XI. O príncipe da igreja foi,



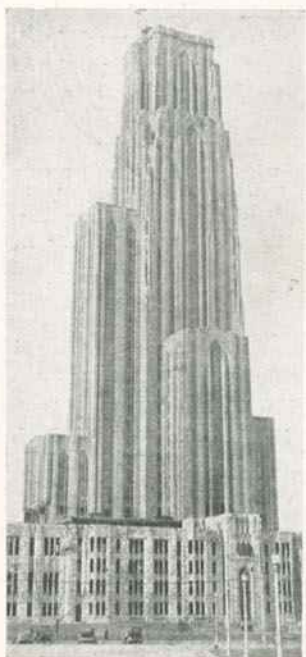
efectivamente, nomeado para aquele alto cargo em 1922, e não só se fizera notar, anteriormente, pelas suas excepcionais qualidades clericais, como por diferentes trabalhos científicos da sua autoria, sendo notável a sua acção em favor dos Alpes, que percorrerá em todos os sentidos, e de cuja flora e geologia é profundo conhecedor.

O cinema no Japão

Os amigos japoneses, quando não se lembram de andar à guerra com os vizinhos, gostam



imensamente de ir ao cinema, delirando com todas as fitas e interessando-se por todos os assuntos. O que não dispensam ainda, em pleno século XX, é um *explicador* das fitas, cavalheiro que toma lugar por baixo do ecran,



e, à medida que a fita corre, conta com exageros dramáticos ou cómicos — conforme o assunto — o enredo da película. Sem este *explicador* não é possível o cinema no Japão, ainda que o filme seja sonoro, o que produz uma grande confusão no cérebro de todos os espectadores europeus, como se pode calcular!

Casas flutuantes

EM virtude da grande crise de habitações que se verifica em Oslo, formou-se uma empresa que adquiriu um paquete de 25.000 toneladas, fundeando-o no Christiania-Fjord, e que procedeu ao aluguel das suas cabines a cerca de duas mil pessoas sem moradias próprias.

Para a reeleição de Hindenburg

NA Alemanha organizou-se, há poucos dias, um movimento único tendente a conseguir a reeleição do egrégio presidente da República, cujo mandato expira no próximo mês de Março. Pretendem desta maneira os alemães que von Hindenburg continue como mais alto representante da nação, garantindo desta maneira a consolidação da República do Reich e contribuindo para a pacificação da família alemã. Hindenburg tornou-se geralmente querido e conta em cada alemão um amigo dedicado e respeitador, sendo notável a política por ele desenvolvida na presidência da República daquele país. Em toda a Alemanha estão-se a colher assinaturas de todos aqueles que pretendem a reeleição do velho marechal, sendo cobertas as listas por muitos milhares de nomes de todas as classes e de todos os partidos. Convém anotar que von Hindenburg declarou ser necessário, para que aceitasse a reeleição, que ela fôsse do agrado de todos os alemães, sem distinção.

A nova Universidade de Pittsburg

ES na gravura à esquerda a nova sede desta Universidade que, como todos os edificios públicos nos Estados Unidos, é um arranha-céus de quarenta e quatro andares cuja construção custou dez milhões de dólares.

A boa graça no estrangeiro

DA *Köllnische Illustrierte* recortamos a seguinte anedota: — O meu pai ficou muito satisfeito por saber que tu eras poeta... — Na verdade, meu amor? Mas que bom! — Não, não, não pensei que teu pai... — É... é! Não vês que o meu primeiro noivo, com quem o papá quis correr... era *boxeur*!

O bigode mais comprido do Mundo

O general Nagao ka, presidente do Aero Club Japonês, passava, até agora, por ter o bigode mais comprido do mundo. Mediam as guias desse famoso ornato



capilar, de ponta a ponta, setenta e sete centímetros! Mas, como o mundo está cheio de invejosos e cada qual procura exceder o próximo, logo apareceu o sr. Heinrich Otto, cidadão alemão, que apresenta uma bigodeira ainda maior, com o comprimento de noventa e seis centímetros! Aqui lhe arquivamos o retrato, que interessará os excêntricos amantes de originalidades e em que o sr. Otto aparece de auscultadores de T. S. F. na cabeça, pois é um entusiasmado radiófilo.

O Príncipe vermelho

A herança de Frederico Leopoldo de Hohenzollern foi vendida no castelo de Glienicke pertencente a seu pai, Frederico Carlos, que serviu, como general, no exército do imperador Guilherme I, e que era conhecido pelo *príncipe vermelho* por usar constantemente um uniforme desta cor. Seu filho herdou também a alcunha e salientou-se bastante pela campanha que moveu contra a política de Guilherme II, que lhe votava grande antipatia.

Quatro pares de gémeos

ESTES oito encantadores meninos cuja fotografia abaixo publicamos, são os formosos rebentos do casal Baxter, agricultores da Califórnia, constituindo a originalidade de serem quatro pares de gémeos, facto pouco vulgar de que os seus papás se orgulham, e com razão.



PELO MUNDO FÓRA

Mais «Misses» 1932

A *Ilustração* amplia hoje a sua reportagem gráfica acerca das candidatas ao prémio da beleza de 1932. São elas, de cima para baixo e da esquerda para a direita, as *Misses*: França, Dinamarca, vencedora do concurso,



Itália, Marrocos, Madagascar e Grécia. A ideia original de *Miss Dinamarca* se fotografar de telefone em punho já em alguém suscitou a ideia de se tratar, realmente, de uma menina dos telefones... Podemos, contudo, informar os nossos leitores, que a dúvida está posta de parte por, naquele país, a réle telefónica ser exclusivamente automática. O exemplo, contudo, foi seguido, e todas as caras bonitas de Copenhague tiraram agora o retrato a falar ao telefone...

À PORFIA

TANTO a Itália como a Polónia atingem, actualmente, o record da percentagem da natalidade em toda a Europa. Não contentes com isso, porém, tanto Mussolini como Pilsudski empregam uma enorme propaganda a fim de conseguirem aumentar respectivamente os nascimentos nos seus países, apadrinhando cada um deles o sétimo filho de qualquer casal. Assim é que Pilsudski já tem trezentos e vinte afilhados e Mussolini duzentos e sessenta. O Duce, porém, não desanima e pretende alcançar a maioria.

# PELO MUNDO FÓRA

## O Teatro no Estrangeiro

PARA 29 deste mês está marcada, no Teatro Municipal de Boston, a primeira representação de um novo original de Bernard Shaw, intitulado *Too True to be Good* (Verdadeiro de mais para ser bom). O principal papel feminino, o de uma aventureira no disfarce de irmã de caridade, foi entregue à celebre actriz americana Beatrice Lillie. Nos Estados Unidos realizaram-se, até agora, catorze montagens de peças de Shaw, de entre elas, quatro primeiras representações.



—Causo, sim, a cada e etional ção das cionais dades



cas da jovem e simpática Irmã Overhoff, que pertencia ao grupo de *girls* do Grosse Schauspielhaus, daquela cidade. Por súbita ilocença da actriz que desempenhava nos *Contos de Hoffmann* (realização do grande Max Reinhardt), o papel de Antónia, Irmã Overhoff ofereceu-se para a substituir, e alcançou um dos maiores êxitos dos últimos tempos, ganhando-se a um lugar de destaque no meio artístico alemão.

## Casamento morganático

O irmão do rei da Roménia, príncipe Nicolau, acaba de contrair matrimónio secreto com uma senhora não aristocrática. A



fotografia que publicamos mostra-nos os dois noivos, em Paris, para onde partiram após o seu enlace, felizes e sorridentes... certamente a pensarem no escândalo produzido na corte. O facto não é estranho na corte da

Roménia, onde o próprio rei, quando ainda príncipe herdeiro, contraíu, por duas vezes, casamentos morganáticos, divorciando-se em seguida. Desta vez, o príncipe Nicolau preparou as coisas com mais inteligência e parece pouco



disposto a voltar à pátria, declarando que o amor de uma mulher bonita, vale todo um reino...

## Na Conferencia de Genebra

Como delegada do governo americano junto à Conferencia do Desarmamento, em Genebra, to-

monou parte Mrs. Mary Emma Wolery, a primeira mulher, de nacionalidade americana, que aparece na fotografia acima, eleita para se desempenhar de uma tão elevada missão política. A sua nomeação foi proposta pelo próprio presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, e, desta maneira, extraordinariamente valorizada.

## Um novo invento

PARA prescrutar o fundo dos mares e actuar em casos de sinistros marítimos, inventou um engenheiro inglês o aparelho reproduzido na gravura acima, que consiste numa câmara fortemente blindada, em cujo interior cabe um homem de pé. Esta câmara é submergida até ao fundo do mar, e pode o seu tripulante comunicar com a superfície por meio de um telefone. É equipada com potentes projectores e com garrações de oxigénio. A descoberta, tornada pública após o lamentável desastre do submarino «M-2», lembra-nos o conhecido adágio: *Casa roubada, tranças à porta...*

## No presidio de Dartmoor

NESTA prisão inglesa, onde se verificou há poucas semanas uma revolta de condenados, é interessante saber-se que todo o preso que tiver um comportamento exemplar durante quatro anos, pode fumar e ler os livros da biblioteca. E ainda mais curioso é o facto de a todos eles ser permitido domesticarem qualquer animal que passa, no isolamento das suas celas, a ser o único companheiro do preso.



## Por terras misteriosas da Asia

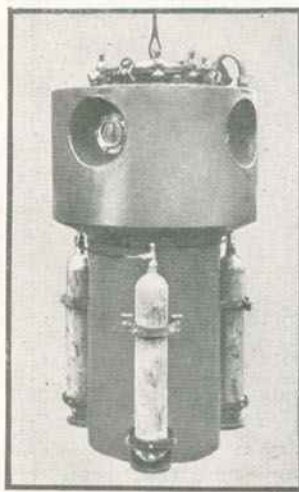
A fotografia, inédita em Portugal, que publicamos acima, fixa um incidente ocorrido, recentemente, à célebre expedição Haardt.

Esta expedição, à qual se associou a Sociedade de Geografia dos E. U. A., propôs-se explorar uma grande área do continente

asiático, até hoje pouco conhecida, e compõe-se de 30 membros que, podendo dispor do que, até hoje, representa a última palavra em aparelhagem científica, empregam como meio de transporte 10 auto-luargas Citroën.

Estes carros são exclusivamente lubrificadas, segundo recomendação da fábrica construtora, com Mobiloil. E para assegurar o seu abastecimento, as bases da Vacuum Oil Company Inc., espalhadas por todo o continente

asiático, têm prestado um valiosíssimo serviço à grande expedição, a maior, sem dúvida, levada a efeito nos nossos tempos, que tem suscitado o interesse de todo o mundo civilizado.



## O vulcão Mauna-Loa

NA ilha de Hawii têm-se registado, ultimamente, grandes erupções do vulcão Mauna-Loa, que ameaçam, seriamente, a população. Como é sabido, todas as ilhas do arquipélago do Hawii são de origem vulcânica e sus-



tentam os entendidos a opinião que, mais cedo ou mais tarde, todas aquelas ilhas estão condenadas a desaparecer. A nossa gravura é um flagrante instantâneo de uma das erupções, vendo-se, além do fumo, as massas de lava projectadas a grande altura.

## Pelo mundo das letras

EUGENE Semenov tem publicado no *Mercur de France* interessantes cartas, até agora inéditas, de Ivan Tougouneff a sua filha, que são preciosos documentos acerca da dolorosa vida daquele escritor.

## A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

— E A QUE PARTIDO POLITICO PERTENCE V. P.S.??  
— AO SEU... AO SEU!

(Caricatura de Tresckow na «Die Woche»)



QUANDO se traz dentro do peito o eco de uma palavra de amor pronunciada por alguém que a nossa boca beijou, não é fácil ouvir uma guitarra sem cair na desolação saborosa da saudade portuguesa.

Combater o fado é ridículo. Ele há-de viver na voz mole de quem sofre enquanto houver romarias e descantes, toiradas e procissões, um doce olhar marejado, ou um lenço branco a acenar no drama das despedidas. Dizer-se que o fado amolece as energias do homem, — que o torna menos viril e saudável, é uma idiotice como qualquer outra. Decretar a sua origem, o seu parentesco, as suas afinidades — parece-me também *literatura* da pior. Que o fado vem do lun-dun, dos batuques africanos, de certas melodias nômadas — escreve e afirma gente de altíssimo coturno intelectual; para mim é ponto de fé que esse desabafo tristonho estropiado pelos revisteiros e pelas açucaradas *vedetas* de pacotilha — não tem origem nem pátria: é vagabundo e universal como a tristeza do amor.

Estou a vêr os *entendidos* sorrirem altivamente para este *arraçoado desconexo* de pensamento e de palavras. Deixá-los sorrir à vontade. Evidentemente que para esse cortejo de *Lázarus do faduncho* não vai o meu aplauso e o meu louvor. O *Fado do Guita*, o *Fado da Cotovia Aleijada*, o *Fado da Amargura em lá maior* e tantos outros que os gramofones e a telefonia impingem aos domicílios — são coisas à margem do autêntico sentimento que pôde nascer num coração de mulher esfrangalhado pela vida e debatendo-se a cantar no esconderijo alugado de uma viela de Alfama, — na voz do mareante saudável, na cadeia, no exílio, no infortúnio, ou na miséria.

Tôdas as almas, todos os povos têm a sua característica musical. E a guerra melancólica das *elites* alcunhando de gerigonça fastidiosa os harpejos da guitarra bem dedicada e expressiva, há-de acabar por ser vencida e afastar os seus intentos para outro *motivo* que não esteja tão enzaizado no sentir do povo e da raça. Acabem com as catalogadas cantadeiras do fadinho, deitem por terra os fraldiqueiros tocadores da *lusa trova* — e essa interminável editoria de *glosas* sem emoção e sem beleza, mas não confundam o fado com as melopeias de receita, e almiscarados lamentos de cortesã pouco vendável. O fado tem outra origem, outra verdade, e outra côr. Chamar-lhe *canção nacional* por excelência, é errado e contundente — mas chamar-lhe *canção*

## À MARGEM DA CANÇÃO NACIONAL

de alcoólicos, de *prostitutas*, e criminosos, é também levar o ataque ao máximo da incoerência.

Os acordes dessa música plangente aplainam até maus instintos e arrancam lágrimas sentidas aos ouvintes mais rebeldes... Há bocas entreabertas, braços caídos, mãos viris enclavinadas pizando os bordões da lira, olhos parados, abertos, perdidos num sonho — num pormenor tão enorme e às vezes tão pequenino.



«Desde pequeno  
— O meu sonho  
Era chegar a ser homem  
E ser marujo! — embarcar...

Hoje,  
Vêjo que a vida não deve  
Ser vivida com paixão;  
— Tudo foge ao nosso olhar.

Amôres, quem é que os teve  
Com mais funda intensidade?

— Tanto anseio me escaldava  
Que tôdas essas que foram

Tocadas pelo meu corpo  
Desempenado e trigueiro,  
Andam à noite vendendo  
O frágil sexo — ao primeiro...

Triste de quem tem amôres,  
Triste de quem os não tem.  
De tôda a maneira é triste  
Sentir saudades de alguém.

E era aclamado!  
Sentiam  
A nostalgia do fado  
Na minha voz  
Pouco amorosa mas quente;  
— Numa lágrima  
Dizia  
O meu passado e o meu presente.

O vinho  
Entornava-se nos copos;  
As almas  
Vinham à tóna  
Da conversa alliva e rude:  
«Então, à nossa, rapazes!,  
Bebam à nossa saúde!»

E havia sempre o afago  
Daquela  
Que nas sombras da viela  
Tange a sua condição  
E é nossa por qualquer coisa.

Sim;  
Mordi bocas que choravam  
Para de novo as morder,  
Depois, um dia, casei,  
P'ra mais vida conhecer.

Nisto, embarco por dois anos.  
Deixo a mulher, — e lá vou  
— Servir a Pátria!,  
Servi-la,  
Com aprumo e gallardia;  
Que o digam estas divisas  
Que são a minha alegria.

Agora volto. Com outro  
Se ajuntou essa perdida.  
— Com outro gemo o seu cio  
Destrambellado e mordente.  
Com outro, dizem, — Com  
[«outros»,  
Dizei eu a tôda a gente.

Triste de quem tem amôres,  
Triste de quem os não tem.  
De tôda a maneira é triste  
Sentir saudades de alguém.

Não; não digam mal do fado.  
Melhorem a vida, — edificando escolas, sanatórios, hospitais, e casas de protecção à velhice sem conforto; ajudem os desherdados da sorte e todos quantos se arrastam por um ideal de amor e de verdade, e o triste fado deixará de ser uma queixa constante na boca dos portugueses. Sim; ajudemo-nos uns aos outros. Um pouco mais de confiança e um pouco menos de egoísmo.

Antonio Botto.



# Soliloquios e Comentários



A História está cheia de traidores. Caim traiu o irmão, Pompeu traiu o amigo, Antenor traiu a pátria, Judas traiu a divindade.

E ainda há quem se admire de ser enganado pela primeira diva que encontrou a uma esquina da vida, lhe jurou amor eterno e tem um papo seco de estima, de propósito para o atraí-loar!...

O culto do português vai-se perdendo, a pouco e pouco. Hoje escreve-se à ligeira e a leitura dos clássicos é relegada para os fosséis.

Isto de cultura está pela hora da morte e, todavia, não falta gente que afirme e jure que Portugal é um país agrícola.

Lê-se em Marcelino Mesquita :

*Phryneia, a cortesão que Atenas ama*  
[e doira;  
*Phryneia a escultura, a bela, a branca,*  
[a loira,  
*Phryneia cujo nome é um filtro secreto,*  
*Do Amor, do Prazer, da Acrópole ao*  
[Hymeto;  
*Phryneia, a doce, a meiga, altiva e pere-*  
[grina,  
*Phryneia, a sensual, a única, a divina!*]

Lembrando o soneto d'Arvers, não dá vontade de perguntar : E onde está esta mulher?

CASANOVA, aquele lascarino e travêso Casanova, autor de umas *Memórias* que são obra prima de psicologia de tôdas as épocas, escreveu : «Quanto mais envelheço, mais aprecio os meus papéis». Também eu penso como êle. Comprei-os com uma moeda que por muito dinheiro que tivesse a não poderia comprar agora. O Tempo, que se ri impune-mente do dinheiro e dos papéis.

EDITORIALMENTE, muita coisa em Portugal está por fazer. Pensei nisto lendo êsse adorável e esquecido Campoamor, que ainda não tem em Portugal uma tradução condigna.

*«Viver é vêr passar..»*

Leio. E lembra-me a frase de Bullhão Pato, que é a mesma, em resumo : «Se a gente se demora um pouco na vida passa o tempo a acompanhar enterros».

*«Passa o tempo de amar e ser amado*  
*Mas não passa o amor...»*

*«Tudo no amor é triste*  
*Mas triste e tudo é o melhor que existe.»*

*«Na guerra e no amor é o primeiro*  
*O dinheiro, o dinheiro e o dinheiro.»*

*«Tôda a glória militar do mundo*  
*Não vale nem a vida de um rancheiro.»*

Grande poeta, mas como poeta vivendo extra-mundo. Hoje a glória militar é tudo. Do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul, tudo se apresta para a guerra. E até o rancheiro, lendo o poeta, considera que, se para paisano êle não ver-seja mal, como tropa êle não daria, sequer, uma para a cantina.

VAMOS entrar na Semana Santa. O que será a Semana Santa, êste ano, em Sevilha? Será a imponente festa religiosa de ontem ou será algum famoso cortejo comunista? O turista, que ainda se não deshabitua da procição e se não a fez



ainda ao pe-trolismo vermelho, deve ne-gar-se. É que se as primeiras cheiravam a incenso, o segundo cheira a esturro. E entretanto, como Sevilha é que perde, aos sevilhanos fica-lhes ainda a sevilhana, para a vida e para a morte, mas muito mais para a morte do que para a vida.

TÔDA a gente julgava, ao chegar a telefonia sem fios, que o disco perdia o seu lugar e passava ao lugar que hoje ocupa a mala-posta ao lado do automóvel. Puro engano, o tempo o demonstrou.

Porque a telefonia passa a maior parte do seu tempo a fazer orgulhosamente ouvir os discos, que são o modesto orgulho da grafonola.

O engenheiro que descobriu o processo de extraír oiro, consegue, provou já, ao que dizem, extraír de uma tonelada de areia, alguns miligramas do metal precioso.

É belo, porque nós conhecemos algumas almas bem formadas, de onde, por nenhum processo, alguém conseguirá extraír alguma boa acção. E no entanto, tôda a gente dirá que é muito mais fácil.

O dr. Maurice Boigey escreveu *O Livro da cinquentona*, e agora, com o seu colega dr. Pierre Bouloumié, *O Livro dos de mais de sessenta anos*. A vida

tirou à velhice as últimas ilusões, e vêm agora, êstes doutores, a quererem-lhe roubar os últimos cobres...

DIZ-ME um amigo que Mauriac vai, em breve, publicar um romance que se chama *Ninho de víboras*. Mas então é a vida de um teatro ou a redacção de um jornal?

CONVERSAM dois médicos e um paisano. Pergunta-se de que doença teria morrido Adão.

— De caquexia senil.  
— Porquê? pergunta um dos médicos.  
— Ora essa. É evidente. Pois se ainda não havia médicos! responde-lhe ingenuamente o paisano.

UM homem de cinquenta anos é um cavalheiro, se anda bem vestido. Eles, os homens de cinquenta anos, não o sabem, mas gostam. Uma senhora de cinquenta anos, mesmo que ande bem vestida, é uma velha. Elas, as senhoras de cinquenta anos, essas é que desconfiam. E não gostam.

NA Sociedade das Nações discute-se a Paz e chegou-se a êste paradoxo : para manter a Paz é preciso criar um novo exército e uma nova marinha de guerra. É uma teoria. O Japão pensa ao contrário : faz a guerra para chegar à Paz. É a prática. É só depois da tempestade que vem a bonança, e êle quer a Paz, é verdade, mas a paz do vencedor. Entretanto, os tôlos são pacifistas.

UM cavalheiro prognóstico assiste a uma discussão em que os contendores ferozmente se tratam de pulha, bandido e ladrão. Num minuto de fôlego pedem-lhe a sua opinião. Êle, como é prognóstico, dá a de Machado de Assis no *Dom Casmurro* : — «Um dos costumes da minha vida foi sempre concordar com a opinião pro-interloável do meu tor, desde que a minha agra rece ou tória não va, aborimpõe».



Eles re-ram-se e tratam-meu que go e ca ga. E o tico ain para saber porque é que teve que ir para casa, com passagem pela botica, curar as sobras de uma tarefa dada pelos dois, e que lhe fez ver as estrélas ao meio dia.

Albino Forjaz de Sampaio.

# desportos

## FACTOS DA QUINZENA

O desporto é uma força universal que não conhece peias e ante a qual se abrem tôdas as portas, se afastam todos os preconceitos.

A necessidade do exercício físico, tanto mais intensa quanto maior é o grau de civilização do indivíduo, manifesta-se em todos os séres, sem obstáculos de castas ou melindres de convenções sociais.

A própria natureza, agindo pelo instinto no sentido de maior proveito para a criatura humana, se encarrega de envolver a prática do movimento voluntário numa atmosfera de satisfação orgânica que incita o indivíduo à sua prática regular.

Não será, portanto, causa de admiração constatar que o culto do desporto é praticado pelas criaturas que no mundo adquiriram, no campo político ou no campo intelectual, situações de celebridade excepcionais.

Para elles, mais ainda do que para os indivíduos das classes médias, o desporto, agente de exercício físico, é um precioso e indispensável derivativo da actividade intelectual excessiva a que são obrigados. Verificamos assim que o desporto foi o primeiro agente a conseguir a nivelção das classes, resolvendo um problema que na história do mundo tem suscitado em vão as mais implacáveis lutas nas sociedades organizadas.

A nós, quantos formamos a massa anónima das gentes, vivendo na ignorada mediania da humanidade, agrada sempre observar os grandes da terra quando descem aos mesmos

passatempos que ocupam as nossas horas de ócio.

A série de gravuras que hoje publicamos, satisfaz esta curiosidade; em tôdas elas os grandes do mundo se nivelam com a plebe, pela prática desportiva. Ao lado do aristocrático e melancólico cavaleiro que é o príncipe de Galles, o presidente Hoover pesca prosaicamente à linha, numa ribeira americana.

Bernard Shaw, cerebração superior, enxuga-se ao sol em traje edénico, após algum banho em que pouco o devem haver preocupado os preconceitos intelectuais da literatura.

O rei Carlos da Roménia pratica desportos de inverno, enquanto Gustavo da Suécia se entrega apaixonadamente ao *tennis*, sob a carícia do sol cáldido da Rívia.

Afonso XIII, hoje Afonso de Bourbon, sem ordinal, dedica-se aos prazeres da caça com o entusiasmo de quem procura um acepipe para melhorar a composição do jantar do dia seguinte.

Apesar da idade *ma-thusalémica*, um outro rei da terra, o arquimilionário Rockefeller, joga o *golf*, para não entorpecer.

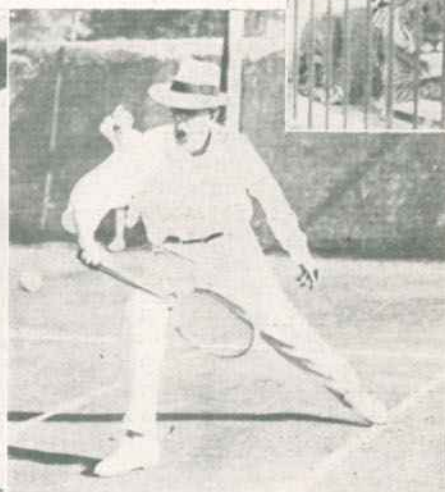
E, para completar a lista, Mussolini, sen-

hor da Itália, deixa-se fotografar afagando um placido leão, pretendendo talvez provar que não pode recear a braveza das feras a quem assumiu o cargo de dominar as paixões dos homens.

Quando estas linhas vierem a público estarão oficialmente abertos os jogos da X Olimpíada, inaugurados com as provas de desportos de inverno,

actualmente em disputa no Lago Plácido.

A América recebeu os primeiros representantes europeus com a largueza de vistas que lhe é



peculiar, construindo para o certame, apesar da superfície gelada do lago, uma patinagem de gelo artificial, que custou alguns milhões de dólares, mas previne qualquer caprichosa eventualidade atmosférica.

As provas de patinagem artística, que envolve uma justificada aura de graça e de elegância, tiveram em Paris uma espécie de ensaio geral, com a disputa dos campeonatos da Europa; os vencedores destes apresentam-se como prováveis triunfadores olímpicos.

dada a cotação inferior dos especialistas americanos. O concurso efectuou-se no recinto do novo *Palais des Sports*, antigo Velódromo de Inverno, e obteve um sucesso considerável nas três provas disputadas: senhoras, homens e pares. De uma maneira geral estes campeonatos, que pela apresentação das mais variadas figuras seduziram em absoluto a assistência, demonstraram os notáveis progressos realizados no decurso destes últimos anos pelos adeptos da patinagem artística.

Se as figuras impostas se inspiram nas tradições de virtuosidade, de precisão de elegância e de





sangue frio, a parte de apresentação livre deixada inteiramente ao arbítrio do concorrente, acusa cada vez mais a influência dominante do desporto.

A velocidade sobrepôs-se à dificuldade das evoluções e os patinadores necessitam agora de um valor físico bem cultivado para satisfazer as exigências do esforço a dispendir.

Os vencedores foram aqueles que antecipadamente se esperava; o par francês formado pelos esposos Brunet, manteve uma superioridade que vem de longe e tudo leva a crer que conservarão o título olímpico que alcançaram em 1928, em Saint Moritz, quando ainda eram noivos.

O mesmo se pode afirmar da norueguesa Sonia Henje, que há anos se mantém invencível.

A prova masculina foi apanágio do austríaco Schaefer, cujos atléticos vinte e dois anos parecem dever triunfar em Lake Placid da experiência de Grafström, o último campeão olímpico.

O problema da educação física nacional está ocupando, neste momento, um lugar importante entre os assuntos em debate.

Hoje a educação física é uma força, comporta nas suas hostes alguns milhares de ho-



O PONTO DA VITÓRIA MARCADO PELO JEMFICA NO SEU JÓGO COM O SPORTING



O foot-ball lisboeta, embaraçado no rescaldo da crise tremenda que por suas próprias mãos criara, conheceu uma tarde de glória, lembrando saudosos tempos, com a realização do encontro Sporting-Bemfica em jogo de campeonato.

Ficou iniludivelmente demonstrado, pela enorme afluência de público, que o resfriamento de entusiasmo registado desde a época passada era resultante da péssima orientação daqueles dirigentes que haviam feito do desporto campo de acção dos seus ódios pessoais e escadote das suas estultas ambições governativas.

Reconciliadas as hostes, a situação tende à anterior normalidade e, embora sofrendo da crise geral do país, permite que se registem já enchentes compensadoras.

O jogo entre os velhos rivais, que, sejam quais forem as circunstâncias de valor absoluto ou relativo dos adversários, constituirá sempre o acontecimento culminante do campeonato lisboeta, moven mais uma vez as grandes massas populares, levando ao campo da Tapadinha uma multidão entusiasta.

Venceram os vermelhos como podiam ter vencido os verde-brancos; o facto não nos interessa para o ponto de vista que pretendemos focar, servindo à *Ilustração* apenas de pretexto para arquivar nas suas colunas a mais sensacional instantâneo do encontro, reservado aos seus leitores: a marcação, pelo Bemfica, do ponto da vitória, a cinco minutos do final do jogo. Instante que corresponde, para uns, a uma aurora de júbilo, e, para outros, a um amargo derrocar de ilusões.

Ficou eloquentemente provado que o público não se preocupa com dissidências politiquieras e pretende tão somente assistir a espectáculos do seu desporto predilecto com garantias de emotividade; para o progresso do foot-ball português, precisamos de frequentes tardes de entusiasmo e boa propaganda, com esta do Bemfica-Sporting.

mens, e afirma-se como um trampolim proveitoso para as ambições em busca de oportunidade. Não há, portanto, que admirar, vendo surgir ilustres desconhecidos a prègar as ideias dos outros e procurando chamar a si o fruto da obra alheia.

A educação física e o seu aliado desporto, carecendo, sem dúvida, de uma orientação superior unificada, têm, contudo, caminhado até agora de forma a poderem apresentar-se como elementos úteis na vida da sociedade portuguesa. Falta concluir a obra de propaganda, metodisando-a.

Parece-nos que a feição talvez mais importante do problema está sendo esquecida e, contudo, sem atendermos a ela, sempre será mais difícil a solução das restantes.

Refiro-me à educação física da infância, desconhecida em Portugal sob o aspecto de vida ao ar livre, de contacto com a natureza; a criança portuguesa vive fechada em casa,

com receio das constipações, ou anda nas ruas pela mão da mãe, com medo de se perder.

Lisboa é uma cidade onde são, relativamente, abundantes os jardins públicos; porque os não adaptar a parques de jogos infantis?

Recordo haver visto em Viena de Austria, em cada jardim da formosa cidade, recintos especiais reservados às crianças, atapetados de finíssima areia, e onde estas, vestidas apenas com um pequeno calção, sandálias nos pés e um chapéu de palha ligeiro a abrigar a cabeça do beijo excessivo do sol, brincavam em absoluta liberdade, saudáveis, coradas, pigmentadas, sem medo do ar nem do sol.

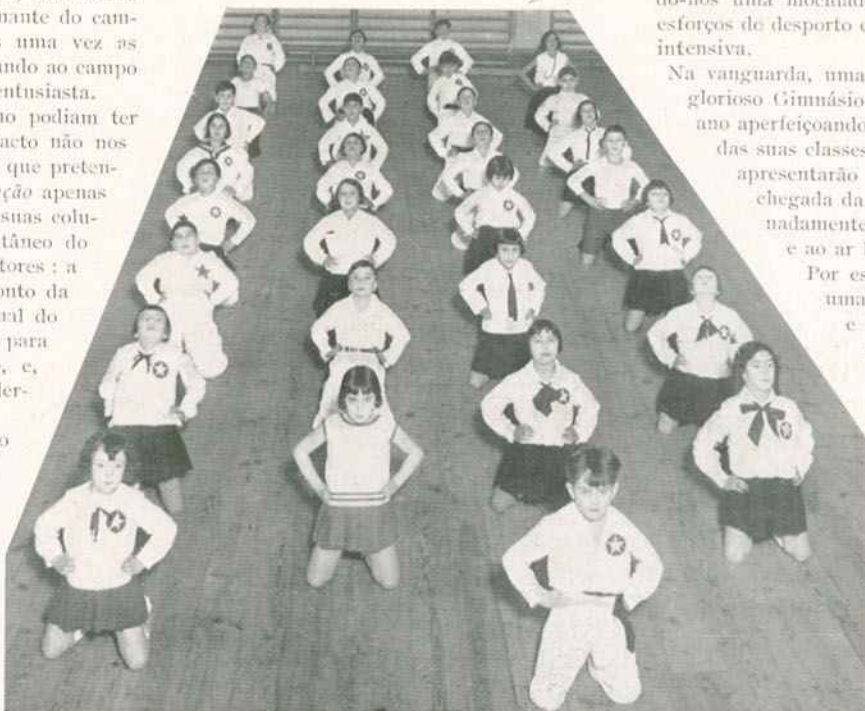
A infância portuguesa, excepção feita daquela parcela privilegiada que no verão frequenta as praias, estiola ao abandono. Oficialmente, ninguém se preocupa com elas.

Felizmente, alguns institutos particulares se esforçam, dentro da sua esfera de acção, por fortalecer as gerações de amanhã, dando-nos uma mocidade capaz de suportar os esforços do desporto e de uma educação física intensiva.

Na vanguarda, uma vez mais se destaca o glorioso Ginnásio Club Português, ao a aperfeiçoando as condições de prática das suas classes infantis, que esta época apresentarão a novidade de, com a chegada da primavera, serem alternadamente dadas no salão do club e ao ar livre.

Por esta iniciativa, que reata uma antiga tentativa minha e de Rui da Cunha no Sporting Club de Portugal, endereçamos à direcção do Ginnásio calorosas felicitações.

Tudo quanto seja feito em prol do robustecimento da infância, deve merecer incondicional aplauso e decidido apoio dos que se preocupam com o futuro da Pátria. Quando quiserem vê-los os poderes do Estado?



A CLASSE DE GINMÁSTICA INFANTIL NO GINNÁSIO CLUB PORTUGUÊS

# ACTUALIDADES



ASPECTO DO LOCAL ONDE VAI SER ERIGIDO O MONUMENTO AO DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA — CRUZAMENTO DAS AVENIDAS DA REPÚBLICA E DO DR. MIGUEL BOMBARDA — DURANTE A CERIMÓNIA DO LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA. À DIREITA, VÊ-SE O CHEFE DO ESTADO, TENDO AO LADO O GENERAL VICENTE DE FREITAS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL, NO MOMENTO SOLENE DA CERIMÓNIA



O ACTO DO ENCRERAMENTO DA EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS RETROSPECTIVOS DO GRANDE PINTOR JOÃO VAZ CONSTITUIU UM ACONTECIMENTO ARTÍSTICO. PROCEDEU-SE AO DESCERRAMENTO DUM MEDALHÃO COM A EFIGIE DO INSHINE MESTRE, TENDO USADO DA PALAVRA O SR. DR. NAVIER DA COSTA, PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA SOCIEDADE DE BELAS ARTES. NA GRAYERA VÊ-SE UMA SETA DE JOÃO VAZ, FILHO DO PINTOR RUI VAZ, DEPOIS DE TER DESCERRADO O BUSTO, QUE FOI ESCULPIDO POR JOÃO PEREIRA.



O ALMOÇO EM HONRA DO SR. DR. MAGNAN BORNIER, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE MONTPELLIER, OPEROU-SE PELOS LENTES DA FACULDADE DE DIREITO SRS. DRS. CARNEIRO PACHECO, ABEL DE ANDRADE, MANUEL RODRIGUES, BARBOSA DE MAGALHÃES, RÓCHA SARAIVA, FERNANDO EMYGÍDIO DA SILVA, PINTO COELHO, VIEIRA DA ROCHA, ARRANCHAS FERREIRA E MARTINHO N. BRRE DE MELO. ASSISTIU TAMBÉM O SR. LEON BOURDON, DIRECTOR DO INSTITUTO FRANCÊS EM PORTUGAL.



O CLUB NAVAL DE LISBOA COMEMOROU HÁ DIAS O SEU 40.º ANIVERSÁRIO, COM UMA Sessão SOLENE QUE O SR. JOSÉ MARTINHO GONÇALVES ABRIU, EM NOME DA DIBECÇÃO, FAZENDO O ELOGIO DO FILIADO SÓCIO FUNDADOR SR. FREDERICO JOSÉ BURNAY, PAI DO SR. FREDERICO BURNAY, CONHECIDO «SPORTMAN». EM SEGUIDA EFECTUOU-SE UM COPO DE AGUA, TENDO-SE TROCADO CALOROSOS BRINDES.

# Cinema

## Revista das Estreias

As ilhas distantes semeadas na imensidade do Pacífico, com o seu doce clima primaveril, os seus habitantes de costumes singelos e as belezas de que a natureza as dotou, têm dado motivo a diversos realizadores para a composição de filmes.

Foi primeiro *Sombra branca nos mares do sul*, filme que constituiu a estreia do fonocinema em Portugal, e em que se apresentam os malefícios duma civilização cheia de requintes e prowersões imposta ao indígena e que o vai arrebatar aos encantos simples da sua existência edénica.

Ramon Novarro foi o intérprete de outro filme passado no mesmo ambiente, que se chamou *O Pagão*. Van Dyke, que realizou o primeiro e superintendeu no segundo, focou por vezes com felicidade esse carácter especial de maravilha, quasi de sonho, que possuíam essas longínquas ilhas antes de contaminadas pela civilização do velho e do novo continente.

Mas o assunto estava longe de ficar esgotado. O estado social e de civilização dos indígenas do vasto arquipélago, constituem um exemplo talvez único na história da evolução da humanidade. Vistos de perto, não é possível fugir à admiração que provoca o equilíbrio justo da sua civilização rudimentar. As necessidades estão reguladas pelo que uma natureza generosa oferece sem esforço. E toda a vida se passa no contacto íntimo dessa natureza, no silêncio dos bosques, na água tépida das lagoas. Deve ter sido assim formado o Eden dos nossos antepassados, cuja tradição transmitida através dos séculos pôde chegar aos nossos dias. Num clima maravilhoso, cercados pelas condições naturais mais propícias, uma raça desenvolve-se sem aspirações distantes, sem preocupações abstractas, procurando apenas gozar os encantos naturais que a vida lhe oferece.

Contudo, nessa civilização primitiva há já o fermento que há-de destruir o seu admirável equilíbrio — equilíbrio das necessidades e das possibilidades naturais. E esse fermento manifesta-se sob a forma duma religião e dum poder.

Em vez de viverem felizes no usufruto da natureza benévola, sem aspirações de predomínio, os indígenas do arquipélago constituem-se um dia em reino, embora disso nada de útil possa resultar para as suas condições de vida. Por outro lado, abandonando a contemplação simples dos fenómenos naturais, buscam para eles explicações metafísicas e criam, assim, divindades.

Nasceram deste modo os reis e os deuses. E foi, precisamente a este factor comum a todas as civilizações, que Murnau foi buscar o tema do seu magnífico *Tabu*.

Este filme, que é afinal uma tragédia de grande intensidade, gira em torno do conflito provocado pela contradição entre as leis naturais e os mandamentos humanos. É esse o motivo de todos os dramas. Neste caso os dois amantes são brutalmente afastados por uma determinação do «senhor de todas as ilhas» que pretende consagrar a jovem ao culto dos seus deuses. Como tal, será ela *tabu* e nenhum homem poderá fixá-la com o mais leve olhar de desejo impuro.

Murnau, o sãidoso realizador alemão, tratou este assunto como só ele sabia fazê-lo. A interpretação, confiada exclusivamente a

Em fotografia, Murnau foi o mais bem servido que era possível ser. Os seus operadores fixaram imagens duma beleza deslumbrante, outras de poderosa sugestão. Tais são, por exemplo, as cenas passadas nas lagoas e cascatas do interior da ilha, a fotografia das vagas nas cenas da pesca e da chegada do barco.

O grande realizador alemão que, aceitando o encargo de realizar este filme, procurou talvez fugir à tirania dos estúdios americanos, não sacrificou nada na sua obra às exigências mercantis. O próprio film da película — a luta do nadador exausto, com as ondas — é prova disso. Pouco conforme com os canones da indústria cinematográfica e por isso mesmo pouco do agrado do grande público, este fim lógico é, contudo, duma beleza trágica muito pouco vulgar.

A este filme, que teve uma curta carreira, sucedem no cartaz *O Café de Felisberto*, versão interpretada por Maurice Chevalier da peça célebre de Tristan Bernard, de que vimos há bastantes anos já uma outra versão interpretada por Max Linder.

Chevalier é o mesmo artista de todas as suas outras anteriores produções. Não está como actor à altura dum papel que exige comediante de maiores recursos. Canta algumas canções, quasi todas pouco felizes, do que não lhe cabe, de resto, a culpa. Em resumo, o filme vive apenas pelas qualidades da comédia que lhe serviu de base e em que o talento muito particular de Chevalier não encontrou a sua melhor aplicação. Recordamos, por exemplo, a famosa cena do duelo que é tão fronsa neste filme como no de Max Linder fora irresistivelmente hilariante.

Como *partenaire* teve Chevalier a simpática Yvonne Valée, cuja actuação no *écran* não corresponde nem de longe ao seu éxito no palco. A pequena artista que tão espiritualmente vimos colaborando com o famoso cançonetista quando da sua estada há alguns anos em Lisboa, só apagadamente desempenha aqui o seu papel.

*O Café de Felisberto* é, portanto, em conjunto um filme mediano, que mais uma vez levanta a questão da oportunidade da adaptação ao fonocinema de éxitos puramente teatraes que só excepcionalmente — como é o caso de Max Linder — podem ser tratados no cinema.

Pode dizer-se que nisto se resumiram as estreias de vulto da quinzena, porque mais não consentiram os tradicionais festejos da época carnavalesca, com que os empresários ganhavam e os cinéfilos perdiam.

Manuel L. Rodrigues.



MARY CARVILLE, UMA DAS MAIS LINDAS ACTRIZES QUE HOJE LUTAM PELA CELEBRIDADE

indígenas, é a sua maior vitória. Todos os actores possuem um tal acento de convicção e sinceridade no seu jôgo que dir-se-ia não obedecerem às instruções do realizador, antes seguirem o impulso irresistível da fatalidade.

NOTA DA QUINZENA

Filmes curtos

**N**A organização dum programa ocupam um lugar importante os filmes de curta metragem que precedem a exhibição do filme «de fundo», e completam, assim, o espectáculo.

Os desenhos animados, as actualidades e as variedades sonoras fazem parte desses filmes complementares. E embora a produção estrangeira seja em todos estes géneros abundante, no caso das variedades sonoras nem sempre oferece real interesse, já porque o assunto se apresenta restrito a certo país, já porque os artistas são pouco conhecidos.

A produção de filmes desse género em Portugal parecer-nos-ia por esse motivo aconselhável. Alguns filmes curtos, de uma ou duas bobines, no máximo, realizados em torno duma anedota simples, seriam um excelente meio de levar os nossos artistas ao écran, e de lhes facultar uma experiência necessária. Por outro lado o risco corrido nessas tentativas seria menor do que o que representam para o produtor obras de maior envergadura.

Não faltam, felizmente, assuntos para esses filmes, que ao seu diminuto custo de produção acrescentariam a apreciável qualidade de de despertar o gosto do público pelo cinema português. Uma cançoneta de Beatriz Costa, uma cena de comédia com Chabi, seriam elementos de seguro êxito. Tornado isto extensivo a muitos outros artistas, quantas vocações se revelariam e quantos ensinamentos proveitosos poderiam resultar da repetição dessas experiências!

A ideia não é por hora praticável, porque a falta de material e capitais é defeito inicial que tudo impossibilita. Mas parece-nos que valerá a pena tê-la presente no dia em que o cinema português encontrar a sua fórmula prática de existência.

■ ■

Um jornal francês publicou recentemente a seguinte anedota, cuja autoria atribui a Emil Jannings.

O genial actor alemão realizava um dia uma cena dum filme nos arredores de Viena, e para evitar perda de tempo jantou num restaurante modesto da localidade.

As iguarias que lhe foram servidas estavam longe de ser boas. Mas o

proprietário não deixara de notar a aparência faustosa do seu cliente e a conta ressentiu-se dessa observação.

Jannings é, segundo se diz, bastante generoso. Mas, como nós ou o leitor, não gosta de ser vítima de explorações. Mandou, por isso, chamar o hospedeiro e observou-lhe:

— Os seus preços parecem-me um pouco exagerados, meu caro colega.

— Perdão..., atalhou o hospedeiro. Ignorava que fôssemos colegas...

— Não o somos precisamente, mas quasi... — concluiu o artista ante o espanto do seu interlocutor. Sou eu que interpreto o protagonista do filme «Salteador de Estrada» (*Un bandit de grand chemin*).

■ ■

Numa escola primária, o professor fazia um dia uma revisão de história natural. Os alunos, porém, mostravam-se esquecidos de certos pormenores e entre êles da última subdivisão dos mamíferos, ou seja a ordem dos cangurús. O professor faz o possível por lhes espervitar as memórias preguiçosas.

— Ora, vejam lá! Qual é o animal que anda saltitando, com os joelhos dobrados e os pés para fora?...

— Charlot! respondem os alunos em côro.

■ ■

A última intriga de Hollywood tece-se à volta de Marlene Dietrich e Maurice Chevalier. Jornalistas animados de fantasia não hesitam em espalhar que um romance de amor existe entre os dois, baseados apenas na intimidade que se nota nas suas relações.

Os desmentidos formais não se fizeram esperar, e com tal veemência foram feitos que, por nossa parte, ficamos convencidos

que nada mais deve aproximar os dois famosos artistas do que uma sólida amizade.

A fidelidade de Maurice a sua mulher continuará sendo um motivo de adoração para os cinéfilos de todo o Mundo, e o amor de Marlene a seu marido, em que tantos se recusam a acreditar não ficeará, por enquanto, desmentido.

■ ■

Um director de distribuição, personagem a que cabem as funções de atribuição dos personagens a interpretar pelos actores, requereu há tempos com extras de tipo sinistro para fazerem a figuração numa cena passada nas prisões.

Conseguiu o que quiz, e os contratados tinham tal característico que nesse mesmo dia desapareceram do estúdio vários sobretudos e algumas carteiras.

■ ■

Ironias do acaso: um grande cinema americano exhibia há tempos um letreiro luminoso onde se podia ler em letras de um metro de altura:

«O melhor filme do programa é sempre um filme «Paramount». «A magnífica mentira».

Casualidade apenas, visto que muitas produções de grande categoria se devem à conhecida empresa norte-americana.

■ ■

Uma importante empresa de Hollywood tem agora ao seu serviço um especialista de boas maneiras, cujo encargo consistirá em instruir os actores sobre o modo de estar à mesa. De futuro não mais se correrá, portanto, o risco de ver actores interpretando lugares de destaque na sociedade, manejando desastradamente os complicados talheres que a etiqueta de rigor exige. O que contribuirá para aumentar a ilusão da superioridade espiritual dos astros cinematográficos.

■ ■

Duma revista norte-americana extraímos a seguinte anedota, que dá uma medida curiosa de certas popularidades do cinema:

Num exame: — O que é um cometa?

— É uma estrela com cauda...

— Dê um exemplo.

— Rin-tin-tin.



UM GRUPO DE LINDAS EGÍRIAS QUE ANIMAM COM A SUA BELEZA OS FILMES DA M. G. M.

# DOIS GRANDES Intérpretes do Amor

Greta Garbo  
e Ramon Novarro...

**A**o aproximar os nomes destes dois artistas, que a vontade onnipotente dum produtor reuniu agora no mesmo filme, evocam-se afinidades e oposições curiosas.

Ambos conhecem a mais elevada popularidade. Ambos o acaso, concorrendo com as suas faculdades excepcionais, colocou «hors-classe», muito acima e muito distante da multidão de «estrelas» que com mais ou menos fulgor rebrilham por Hollywood.

Ambos nos têm dado do amor interpretações superiores. E o amor é o tema eterno da arte e mais particularmente ainda do cinema.

O amor de Greta Garbo é distante, impenetrável, misterioso, dominado pela fatalidade. É um amor tempestuoso e frio como uma noite de inverno. A sua sensualidade torturante e gelada envolve-se de densos creais. O brilho profundo do seu olhar tem qualquer coisa de indefinível a que se associa bem a ideia das névoas que rodeiam a sua pátria distante.

Ramon Novarro, que sucedeu a Valentino no coração das mulheres apaixonadas de todo o Mundo, é a representação máxima e ideal do amante ardente, em cujas veias corre sangue meridional que a sensualidade domina. O seu belo tipo latino, o seu olhar quente e penetrante, o seu corpo ágil e vigoroso donde irradia esse encanto particular que tem a vida nas suas formas perfeitas, fazem com que nos dê do amor uma representação bem diversa. Ao contrário de Greta Garbo, o seu amor é sempre paixão veemente, dominadora e exclusiva. A grande actriz sueca desperta paixões arrebatadas, enlouquece de desejos os que dela se aproximam imprudentes e afasta-se desdenhosa e fria como viera. Ramon consome-se na própria chama que criou, arde nos mesmos desejos que desperta. Um assemelha-se a uma encarnação da fatalidade, o outro é apenas um poeta apaixonado.

Noutras épocas este memorável encontro nunca teria sido possível. Nenhum produtor cometera a extravagância de reunir dois artistas de tal categoria no mesmo filme. Mas a erise mundial, cuja influência na indústria cinematográfica foi profunda, impôs mudanças radicais em certos conceitos. E foi assim que um dia o belo Ramon e a enigmática Greta Garbo foram incluídos na distribuição do mesmo filme — *Mata Hari*, uma produção baseada na vida aventureira e trágica da famosa bailarina e espia.

Uma das razões que determinaram esta resolução dos produtores foi, além da que citamos acima, a de ter Ramon Novarro perdido ultimamente a maior parte do seu prestígio na América do Norte. Durante muitos anos, o seu tipo de beleza latino teve para os americanos qualquer coisa de exótico que deve ter contribuído para a sua consagração. Mas os tempos correram, e hoje outros artistas como Clark Gable triunfam, ao passo que Ramon vai ficando esquecido. Os seus dois

últimos filmes, conquanto aplaudidos pela crítica, só alcançaram junto do público um sucesso mediano. Daí a conveniência de reunir a ele outro nome famoso e ainda não tocado pelo esquecimento dos cinéfilos. E esse foi o de Greta Garbo.

*Mata Hari* resultou, como era natural que acontecesse, em filme de categoria, superiormente interpretado. Greta interpreta o papel da espia trágica, e Ramon o de um aviador russo que a paixão arrasta ao crime. E na opinião da crítica norte-americana, ambos nos dão uma das melhores interpretações de toda a sua carreira.

Durante a realização deste filme não faltou quem estabelecesse suposições ou emitisse hipóteses sobre a influência que teria na vida de cada um dos populares artistas esta sensacional aproximação. Levando ambos uma vida de reclu-

são dividida entre o estúdio e o lar e não frequentando, portanto, os centros mundanos de Hollywood, Ramon e Greta mal se conheciam, e apenas uma escassa meia dúzia de vezes haviam trocado uns banais cumprimentos.

O que iria resultar, pois, da forçada intimidade a que o trabalho do filme ositaria? Iria, final a altivez fria trêla» sueca cida pelos en belo artista me

obri-  
mente,  
da «es-  
ser ven-  
cantos do  
xicano? Ou



LILLES BOND, A GRACIOSA ACTRIZ QUE VIMOS EM «PARADA DO AMOR»

seria este, pelo contrário, uma nova vítima das paixões mortais e sem esperança da tentadora *ramp*?

O nome de John Gilbert, o actor dos beijos ardentes, e a história da sua paixão sem remédio pela famosa artista, que durante muito tempo se supôs ser apenas um expediente de publicidade, foram evocados a propósito. E houve decerto muito coração feminino que estremeceu perante a recordação do perigo que ameaçava o belo Ramon.

Ora o exemplo de John Gilbert é uma triste

realidade e justificava as previsões pessimistas. Não é hoje segredo para ninguém a sedução que essa mulher estranha exerceu sobre o mais romântico dos actores de cinema e a influência que disso adviço para a sua vida e para a sua arte.

Gilbert, de temperamento afectivo e dedicado, consagrou à grande actriz sueca de que o acaso o fizera *partenaire* uma amizade sincera. Greta lutava então pela celebridade e havia já muito que Gilbert impusera as suas grandes faculdades. Nesse momento decisivo para a carreira da grande actriz, Gilbert foi um amigo precioso. Protegeu-a quanto pôde, rodeou-a de carinhos e atenções, contribuiu grandemente para o seu triunfo. Depois da protecção de Maurice Stiller, o realizador sueco que à custa quasi do seu próprio prestígio a impôs à atenção dos produtores americanos, pode afirmar-se que a de John Gilbert foi a mais valiosa que o acaso fez. A grande actriz não se deu a deparar à célebre sua caminhada para a cele

bridade. Greta correspondeu sempre a esta dedicação enorme com uma amizade fria e correcta. Todo o ardor de Gilbert esbarraça contra a muralha de gelo da sua indiferença desdenhosa. No estúdio, em face da câmara, Greta mimava nos braços de Gilbert as grandes cenas de paixão. Apagados os projectores, terminado o trabalho, voltava à sua torturante frieza, insensível aos carinhos e atenções de que ele a cercava.

Esmagado por esta indiferença, John Gilbert pensou vencê-la também por uma aparente frieza. Foi rude para ela, segundo dizem. Quando recolhia a casa, recomendava aos criados que se Greta chamasse por ele lhe respondessem que não estava, que tinha saído. Mas, passado pouco tempo era ele que inquiria ansioso se o haviam chamado ao telefone. E perante a mesma resposta negativa de sempre, era ainda ele quem corria a telefonar-lhe, a pedir-lhe perdão — perdão que ela concedia sempre porque na sua indiferença absoluta quasi não notara o desespero imenso de Gilbert.

Durou longo tempo esta tortura a que uma paixão imensa sujeitava o conhecido actor. Decorreu já bastante tempo para se saber que Gilbert viveu este romance com todo o ardor da sua alma de romântico, romance que não teve, portanto, a sua origem na fantasia dos agentes de publicidade.

Para fugir a esta tortura, talvez convencido de que poderia assim vencer o desdem mortal da «estrela» sueca, John Gilbert casou-se um dia com a primeira mulher que se lhe deparou ambiciosa de popularidade. Mas Greta mostrou quasi não o ter notado, e a influência desse casamento sem amor foi desastrosa na vida do actor apaixonado.

Repetir-se-ia agora o facto com Ramon Novarro?

Afinal tudo se passou o mais simplesmente possível. Ramon provou ser um digno *partenaire* de Greta Garbo. Como ela, vive apenas para a sua arte, no desconhecimento perfeito das terríveis paixões que desperta e a que dá expressão perante a câmara cinematográfica.

E ambos voltaram a afastar-se, uma vez o filme terminado, levando apenas o seu sonho de arte e de beleza e, segundo dizem, uma agradável recordação de amizade.

# — VIDA — ELEGANTE



A SR.<sup>a</sup> D. MARIA EUGÊNIA D'OREY CORRÊA DE SAMPAIO MELO E CASTRO (Castelo Novo) e o sr. JOÃO VAN-ZELLER DE CASTRO PEREIRA, no dia de seu casamento, realizado na paróquia de Santa Isabel, a 30 de Janeiro último



CASAMENTO DA SR.<sup>a</sup> D. MARIA MANUELA DE ALMEIDA D'OREY COM O SR. JOÃO SEABRA ROQUETE, REALIZADO NO DIA 2 DO CORRENTE, NA IGREJA DO CORPO SANTO

til filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio e do sr. D. José Corrêa de Sampaio Melo e Castro (Castelo Novo), com o distinto engenheiro sr. João Van-Zeller de Castro Pereira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira e do sr. dr. Manuel de Castro Pereira, já falecido.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Perestrela de Albuquerque d'Orey e D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, respectivamente, avó materna e tia paterna da noiva e padrinhos os srs. Rodrigo Van-Zeller de Castro Pereira e Conde de Seisal, respectivamente irmão e primo do noivo.

Celebrou o acto o reverendo prior da freguesia, cônego sr. dr. Alvaro dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimônia religiosa, foi servido na residência dos avós da noiva, sr.<sup>a</sup> D. Maria Perestrela de Albuquerque d'Orey e sr. Frederico de Albuquerque d'Orey, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Cascais, onde foram passar a lua de mel.

— Na igreja do Corpo Santo, sendo celebrante o reverendo Pio Daly O. P., que no fim da missa fez uma comvente alocução, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela de Almeida d'Orey, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda de Almeida d'Orey e do sr. José Manuel de Albuquerque d'Orey,

## Festas de caridade

### NAS BELAS ARTES

Mais uma vez as «matinées de caridades» realizadas no vasto hall da Sociedade Nacional de Belas Artes, nas tardes de domingo, segunda e terça-feira de Carnaval, a primeira e última levadas a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras, a favor de várias famílias necessitadas e outras obras de caridade, e a segunda pelo sr. Governador Civil de Lisboa, a favor da Assistência Pública, foram o grande acontecimento mundano da quadra, não só pela freqüência como também pela animação em que decorreram.

### NA ESPLANADA MONUMENTAL

As «matinées dançantes» de caridade que as sr.<sup>as</sup> D. Emília Neto Afonso de Pereira Coutinho e D. Maria Luíza Monteiro de Mendonça, coadjuvadas pelo sr. Gonçalo Pereira Coutinho, levaram a efeito nas tardes de domingo gordo e terça-feira de Carnaval, no salão de festas da Esplanada Monumental, à Avenida Alvares Cabral, ao Rato, a favor dos pobres e dos desempregados, foram muito concorridas e animadas, vendo-se ali grande número de crianças mascaradas, que davam ao recinto um aspecto encantador.

### NO ROYAL CINE

A «matinée cinematográfica», seguida de «chá dançante», que na tarde de segunda-feira gorda se realizou no Royal Cine, à Graça, organizada por uma comissão de gentis senhoras solteiras da nossa primeira sociedade, a favor da «Casa de Camões» e de outras obras de beneficência, foi, como era de esperar, elegantemente concorrida, vendo-se na assistência tudo quanto há de melhor.

## Casamentos

Realizou-se na paróquia de Santa Isabel, com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia d'Orey Corrêa de Sampaio Melo e Castro (Castelo Novo), gen-



A SR.<sup>a</sup> D. MARIA DAS DORES CALHEIROS DE LANCASTRE E O SR. ALVARO LEITE DE FARIA FERREIRA PINTO, À SAÍDA DA BASÍLICA DA ESTRÉLA, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NO DIA 4 DO CORRENTE

com o sr. João Seabra Roquete, filho da sr.<sup>a</sup> D. Cristina Seabra Roquete e do sr. Alvaro Ferreira Roquete.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Eugénia Perestrela d'Orey e D. Maria Zúmira de Almeida, respectivamente avó paterna e tia materna da noiva, e de padrinhos os srs. Visconde da Fonte Boa e João Jacinto Seabra, respectivamente irmão e tio materno do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimônia religiosa, durante a qual foram executados, com acompanhamento de órgão, feito pelo sr. Mário de Sousa, vários trechos de música sacra, pelo côro de Santa Filomena, foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, à rua dos Navegantes, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a quinta do noivo, em Salvaterra de Magos, onde foram passar a lua de mel.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na Basílica da Estréla, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria das DORES CALHEIROS DE LANCASTRE, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Emília de Calheiros de Lancastre, já falecida, e do sr. D. Sebastião de Lancastre, com o sr. Alvaro Leite Ferreira Pinto, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria das DORES DE FARIA FERREIRA PINTO BASTO e do sr. Joaquim Leite Ferreira Pinto Basto, já falecido.

Dignaram-se servir de padrinhos o Senhor D. Manuel de Bragança e Sua Augusta Espôsa Senhora D. Augusta Victoria, que se fizeram representar, respectivamente, pelo sr. Conde das Alcêçovas e pela sr.<sup>a</sup> Duquesa de Palmela.

Celebrou o acto o reverendo José Lourenço, amigo íntimo do noivo, que fez uma brilhante alocução, seguindo-se a missa resada pelo reverendo prior Monsenhor Domingos Nogueira. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Acabada a cerimônia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência do pai da noiva, à rua Miguel Luppi, um finíssimo lanche, findo o qual os noivos partiram para Cete, onde foram passar a lua de mel.

# Vida Feminina

Uma mulher de bom senso é aquela que, sem alardear inteligência e querer mandar tanto como o marido, tem, no entanto, para ele, um conselho acertado e utilizável, quando lho pede. É aquela que dos seus filhos sabe fazer cidadãos úteis, disciplinados e trabalhadores e sabe inculcar no espírito deles um tal respeito e confiança que, quando na vida precisam um auxílio, é também ao seu acertado conselho que se dirigem, com a certeza, que de toda a sua infância lhes vem, de que de sua mãe só poderão receber uma acertada opinião. É ainda o bom senso que a guia na educação de suas filhas, fazendo delas confiantes amigas, sem que essa confiança as faça esquecer o respeito que devem à sua mãe. O bom senso é a qualidade que torna a mulher o ídolo dos seus e o encanto da sociedade que frequenta. A mulher sensata sabe ser amável com toda a gente, sem estreitar relações a torto e a direito, aproveitando para suas relações apenas aquelas que lhe convêm, que lhe dão um prazer espiritual ou que podem ser-lhe úteis e aos seus. E, dentro desse círculo escolhido, mantêm-se com graça e alegria, conservando amizades de anos e anos. Nunca a mulher sensata, dentro dessas amizades, se mete na vida íntima das famílias e se as amigas, fiadas no seu reconhecido bom senso, lhe pedem conselhos, dá-os, mas de maneira tal, que, se os não seguirem, não tem de se mostrar melindrada, porque, a primeira manifestação de bom senso, é não impôr aos outros a nossa maneira de pensar e aceitá-los tal como são. Há mil maneiras de mostrar às pessoas de que não concordamos com elas, mantendo sempre a amizade e a delicadeza. A mulher sensata evita as intrigas porque, com a sua correcta atitude, nunca tem conversas que a comprometam e que a possam levar a entredos, sejam de que natureza for.

O bom senso é uma qualidade que se impõe pelo procedimento da pes-

soa e que se não apregôa. As pessoas sensatas passam, em geral, despercebidas, e só os que têm a felicidade de com elas conviver notam a sua grande qualidade que, pouco a pouco e sem espalhafatos, torna imprescindível a sua companhia, a quem a ela se habitua.

É, pois, o bom senso, uma das primeiras qualidades da mulher que, em geral, com ela nasce, mas com boa vontade e perseverança, também se adquire, muitas vezes à força dos encontros da vida, mas felizes ainda aqueles a quem as lições aproveitam e se sabem modificar. O bom senso não é uma qualidade brilhante, mas a inteligência e o talento, as mais belas coisas que um ente humano pode possuir, trazem consigo tantos impulsos que estragam a vida, que o bom senso consegue substituí-los com vantagem.

Maria de Eça

## Modas

A elegância nos abafos é cada vez mais faustosa e, para a noite, este inverno triunfa o arminho branco guarnecido a rapôsa da mesma cor. Os pequenos casacos em veludo e lamê, muito graciosos, sem dúvida, podem nesta época do ano servir apenas para abrigar as friorentas dentro das salas, mas

para as saídas são de insuficiente agasalho e, sobretudo, nos países frios, as peles são indispensáveis, e, daí, o triunfo das maravilhosas peles brancas.

Damos hoje um lindo modelo de Lucien Lelong, que será a tentação de todas as leitoras, e tem apenas o inconveniente de custar uma fortuna. Mas não pensemos só nas *toilettes* de noite; os vestidos práticos têm uma tão grande importância na nossa vida, que os não podemos, de forma alguma, esquecer. Dois bonitos modelos, um lindo casaco de manhã, em lã bege, criação de Jenny, que é muito prático e tem a elegância



O bom senso é uma das melhores qualidades que uma mulher pode possuir. O bom senso supre, muitas vezes, a inteligência e a bondade, porque faz ver as coisas como elas são e auxilia, na sua missão, a mulher, quer na vida de sociedade, quer dentro do seu lar. A inteligência demasiada traz, em geral, um desequilíbrio, que não ajuda em nada a mulher a ser feliz e a fazer felizes os que a rodeiam. Essa inteligência, quando acompanhada de uma fantasia desmedida, começa a importuná-la, fazendo-lhe crer que está noutra parte o seu bem estar e levando-a, muitas vezes, a destruir a sua vida, na esperança de reconquistar a felicidade, o que não chega a conseguir. Quando uma mulher tem a felicidade de ser inteligente e ter bom senso, então a vida, por maiores desgostas que sobre ela desabem, tem de ser agradável aos que com ela vivem, porque o bom senso aconselha a inteligência todos os gestos que lhe podem ser úteis, e a sorte acaba por sorrir a quem a sabe rodear de atenções, fingindo, com arte, às emboscadas do azar.



com que Jenny marca as suas criações. Uma tira de castor sublinha a gola e a borda do *mantau*. Da cintura partem duas pregas pespontadas quasi até abaixo e que dão ao todo um gracioso *evase*. É apertado por um cinto em couro castanho. M.<sup>me</sup> Louise Boulanger apresenta-nos um vestido em diagonal azul escuro, com riscas brancas. Uma pequena veste curta, que desce nas ancas de cada lado e tem também uma grande linha. Este género de vestidos deve ser acompanhado de sapatos simples e luvas em camurça ou pele de cavalo, com canhão. Os chapéus devem também ser da maior simplicidade, de forma a darem à *toilette* um conjunto de legância simples e uma grande harmonia. A carteira, em couro, numa cor que ligue bem com o tecido do vestido, deve também ser da máxima simplicidade. As carteiras enfeitadas usam-se só com os vestidos de tarde. A grande nota de elegância actual é a harmonia.

**Reinados efémeros**

NADA mais prejudicial para as raparigas que os efémeros reinados de beleza. Iruly Chatduch, olhos de chama e sorriso encantador, foi rainha de beleza há vinte anos, em Nova York, e cortejada por todos os homens ricos da América, e agora, presa por furto. Foi surpreendida quando saía de um armazém de modas, levando um vestido que não tinha pago. No commissariado de policia, a mulher confessoro cãndidamente que tinha sido tentada pelo luxuoso vestido e tinha decidido roubá-lo porque o não podia comprar. — «Agora trabalho numa loja de roupas, mas ganho pouco». Iruly, no entanto, não foi esquecida pelos seus velhos amigos. Um dos que a conheceu na época em que os proprietários das lojas de modas lhe ofereciam os seus melhores vestidos, pagou a caução, que a pôs em liberdade.

É quanta rainha de beleza não terá um fim mais triste ainda, quando, depois do seu efémero reinado, recair na modéstia onde vivia. E que tristes desilusões não sofrem essas pobres raparigas, a quem a beleza é mais prejudicial do que útil.

**Receitas de cosinha**

NEM só os doces interessam as nosas leitoras e, por isso, lhes damos agora uma receita de bacalliau à valenciana. Numa caça-

rola dispõem-se, do seguinte modo, estes elementos: Arroz de peixe, bacalliau bem lascado e sem espinhas, tendo estado previamente de molho e sendo cozido; rodas de cebola, envoltas em farinha e fritas em azeite; calda de tomate. Cobre-se com outra camada de arroz, que se rega com cento e vinte cinco gramas de manteiga derretida e se cobre de pão ralado, indo ao forno. Rodeia-se de ovos cozidos, partidos em quatro, e serve-se.

**Higiene e beleza**

UM padecimento que desfeia muito a mulher é a inchação das pálpebras, especialmente da inferior, que provém, em geral, do mau funcionamento do coração ou dos rins.

Quando assim é, e a causa está em qualquer destes órgãos, o único remédio é fazer um tratamento que, fazendo desaparecer o motivo, faz também desaparecer a inchação.

Mas se é apenas local o mal, faz-se desaparecer com maçagens, feitas com o seguinte preparado:

Lanolina, água de Pagliari, sulfato de alumínio, bálsamo meca, essência de limão, em partes iguais. Estas maçagens devem ser seguidas da applicação de compressas quentes de água de rosas. A maçagem dos olhos é muito delicada e não se pode fazer como as outras.

Um exercício que se deve fazer é o de: sem mexer a cabeça, voltar com força os olhos, pri-



meiro à direita, e, depois, à esquerda, depois levantá-los e abaixá-los. Deve repetir-se este movimento vinte vezes. Depois, a maçagem, faz-se começando pela extremidade das sobrancelhas, segurando a pele com a ponta dos dedos, em sentido contrário às rugas. Deve segurar-se bem firme a pele, para que os dedos não sintam o osso. Faz-se isto apenas um minuto. Nas pálpebras superiores não se fazem maçagens. Acabada a maçagem, colocam-se os cotovelos sobre a mesa e batem-se umas ligeiras pancadas nas faces e nas fontes, para dar um movimento de vibração.

**Costumes**

OS costumes regionais vão-se perdendo, e vemos, com mágua, desaparecer da face da terra trajos que eram uma grande beleza e davam, a quem os usava, um interes-

sante cunho de originalidade. Na Rússia, por exemplo, os trajos regionais eram encantadores e de uma grande sumptuosidade, como as nosas leitoras podem analizar do lindo retrato de Madame Makaroff, viúva do almirante russo, que, apaixonada pela sua pátria, de onde se viu obrigada a emigrar, usa sempre, nos salões que frequenta em Paris, o traje russo, que lhe fica maravilhosamente, fazendo realçar a sua grande beleza. No Japão, onde tanto tempo se conservou o tradicionalismo, as mulheres estão vestindo à europeia e cortando os seus longos e sedosos cabelos negros, com os quais faziam tão interessantes penteados. É para lamentar que tal suceda, porque uma das mais belas características do Japão eram as graciosas *monsmées* que, como a hoje damos em gravura, tanto tempo ocupavam com a sua *toilette* e com os seus complicados penteados.

**Maximas**

O maior orador do mundo é o successo.

Discurrir, durante o perigo, é aumentá-lo.

Aquele que salva a sua pátria não viola nenhuma lei.

Uma mulher bonita agrada aos olhos; uma mulher boa, agrada ao coração. Uma é uma jóia, a outra é um tesouro.

Não se devem ter nem paixões nem preconceitos nos negócios; a única coisa permitida é a paixão do bem público.

NAPOLÉÃO BONAPARTE.

**De mulher para mulher**

Mariasinha—Para a encadernação dos seus livros aconselho-a a que a faça igual para cada autor. Dê um belo efeito numa estante e, quando procuramos os livros já sabemos onde os encontrar. As encadernações simples são sempre as mais bonitas.

Luz—Querendo, pode pintar a sua carteira em casa, com a tinta Wibra, que se vende





em todas as drogarias boas. Há todas as cores, de forma que pode escolher a cor que melhor vá com os seus vestidos.

Inquieta—Não, minha senhora, não sei quem trata desses assuntos, mas o melhor é procurar um bom advogado que a aconselhe.

Mãe dedicada—Em geral, só aos sete anos é que os médicos permitem que as crianças comecem a aprender a ler. Mas quando a criança, como a sua filhinha, demonstra esse tão ardente desejo de aprender, é ensiná-la pouco a pouco. O esforço que ela faz para aprender só, é-lhe mais prejudicial do que o ensino bem ministrado. Em todo o caso, não consinta que se aplique muito tempo. Naturalmente, é um sinal de grande inteligência.

Trabalhos femininos

DAMOS hoje um elegante modelo de trabalhos em malha de lã Dubied. De uma graciosidade infinita, o bolero, acertoado em malha, com a sua elegante gola em preto e branco e as luvas na mesma malha, que formam canhão. É também do melhor efeito o beret que completa a toilette e que é também em malha Dubied. Podem também executar-se ao tricôt ou crochet, mas é preciso ter uma grande prática para chegar a fazer as luvas com a devida perfeição. Ainda que estas luvas não sejam tão perfeitas na forma como as de pelica ou camurça. Os berets é que são facilísimos, e qual é a senhora que os não fez? Esta toilette é muito prática, sobretudo para o desporto, e é muito graciosa e económica, porque até ao serão se pode fazer. E assim, as nossas leitoras poderão utilizar, com magnífico resultado, as horas das noites, em que o teatro ou o cinema as não atraíram. Distraem-se, e com um resultado positivo.

Um pintor comodista

MADAME de Pompadour, encantada com o retrato de Luís XV, feito por Quentin de Latour, quis ter o seu retrato feito pela mão do mesmo artista. Latour foi chamado a Versailles. Respondem que não pintava em casas particulares. Reflectindo, a conselho dos seus amigos, que a resposta tinha sido grosseira, dirigida a uma mulher de espirito que protegia

os artistas, consentiu em se deslocar, com a condição de que ninguém o interromperia no seu trabalho.

Tudo lhe foi concedido e partiu para Versailles. Começou por pedir licença ao seu lindo modelo para se pôr à vontade. Tirou as fivelas dos sapatos, as ligas, o colarinho e a cabeleira, que substituiu por um boné-sinho de seda preta, e começou a desenhar o retrato. Ao fim de alguns minutos, entrou Luís XV.

a Madame dour, o pin

Dirigindo-se de Pompadour cumprimentando-a e disse: — «Minha senhora, tinha-me prometido que a sua porta estaria fechada para todos». O rei, que ria divertidíssimo com a toilette à vontade do artista, pediu-lhe que continuasse, sem se importar com ele. — «Isso é impossível, «Sire», eu não gosto de ser interrompido e voltarei quando esta senhora estiver só». Dizendo isto, pegou na cabeleira, no colarinho, nas ligas e nas fivelas, foi vestir-se para a sala contígua e partiu sem querer ouvir nada.



Maneiras de aromatizar o chá

HÁ pessoas que gostam de juntar ao chá um outro perfume. Na Argélia deitam-lhe umas gotas de água de flor de laranja. Os ingleses deitam uma rodela de limão na chávena. Na América junta-se ao chá uma colhêr de rhum ou de curação. Os árabes juntam igualmente ao chá, na infusão, fôlhas de hortelã pimenta, que dão a esta bebida um gosto especial, a que não tardamos a habituar-nos. Os peruvianos juntam às fôlhas de chá, fôlhas de coca.

Certos chás verdes da China ganham em ser misturados com aniz estrelado, no momento da infusão, para cada colhêr de chá verde, uma cabeça de aniz estrelado.

Evidentemente que estas infusões transformam, por completo, o gosto ao chá, e para os verdadeiros amadores desta deliciosa bebida nada se lhe deve misturar. Tomando-a sem misturas saboreiam-na, sentindo o seu delicioso perfume estimular-lhes o espirito. Porque o chá, como o café e como o fumo, é um estimulante intelectual muito usado pelos que trabalham, intelectualmente, em excesso, como todos os estimulantes, é prejudicial à saúde. Mas o caso é ficar na devida conta.

A creança

O mobiliário da criança deve ocupar-nos e devemos ter cuidado que esteja em harmonia com a sua estatura. Damos hoje duas gravuras que demonstram como se lhes pode fazer cómodos divans, onde se possam repousar com a boneca nos braços, ou mesas onde possam, sentadas em pequenas cadeiras, brincar ou estudar com a máxima comodidade. E o arranjar o quarto à criança, de uma maneira cómoda, tem ainda a vantagem de os ensinar a ter amor ao seu quarto, onde se sentem cómodamente, e, mais tarde, fazer homens e mulheres que, apreciando o conforto, dotam com êle o seu lar, mais ou menos modesto, mas onde se nota o bom gosto pessoal e o amor ao seu interior. Em Portugal, até há pouco, as casas eram todas arranjadas pelo mesmo molde e não se lhes encontrava o cunho pessoal. Felizmente, isso está-se modificando, e notamos, com prazer, que há já interiores que, sem riqueza, são aprazíveis e elegantes.

Casamentos

FÊZ-SE um inquérito sobre casamentos de conveniência. Entre muitas respostas, receberam-se as seguintes: de Marcel Prévost: «O casamento de conveniência é um simples negócio, que obedece às condições habituais de um negócio. Não tem nada a ver com o amor, nem mesmo com a simpatia». O célebre poeta Fagnet, respondeu: «Casar por amor, só por amor, sem ter em conta as exigências da vida, é um pecado, que tarde ou cedo se paga cruelmente». Pierre Mille observa que «o casamento de conveniência é uma instituição patriótica e nacional, de origem aristocrática e monárquica. Os senhores feudais casavam as filhas para aumentar os feudos. Os reis pensavam da mesma maneira, e a unidade da Pátria foi feita, em grande parte, pelos casamentos de conveniência. A burguesia seguiu este movimento e olha quasi sempre a aumentar as fortunas. Estas uniões não dão pior resultado do que as outras. La Rochefoucauld dizia: «Há bons casamentos, mas não os há deliciosos». E o poeta d'Arvers fechou um seu soneto, referente a um casamento de conveniência, da seguinte maneira: «E o amor chegou quando já se não esperava».



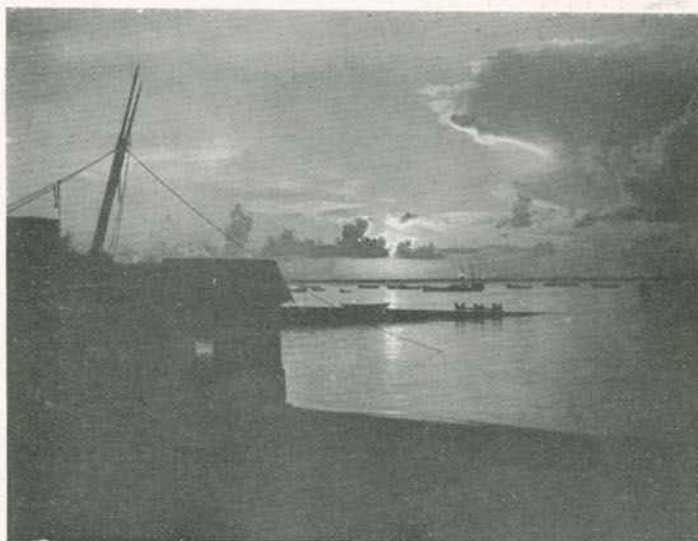
CONCURSO FOTOGRÁFICO  
ENTRE AMADORES  
ORGANISADO  
PELA "ILUSTRAÇÃO"



032 — UM ASPECTO DO CANAL DO PALÁCIO DE CRISTAL — (Foto da sr.<sup>a</sup> D. Raquel Bastos — Pórtio)



033 — UMA GRUTA DO PALÁCIO DE CRISTAL — (Foto da sr.<sup>a</sup> D. Raquel Bastos — Pórtio)



034 — FIM DE TARDE EM MOÇAMBIQUE — (Foto do sr. Salazar Carneiro — Lisboa)



035 — LAVANDO — (Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)



036 — PUXANDO A REDE — (Foto do sr. Manuel A. Leal — Lisboa)



037 — TERIA  
EU SIDO INDE-  
CRETO? — (Foto  
do sr. Manuel  
A. Leal — Lis-  
boa)



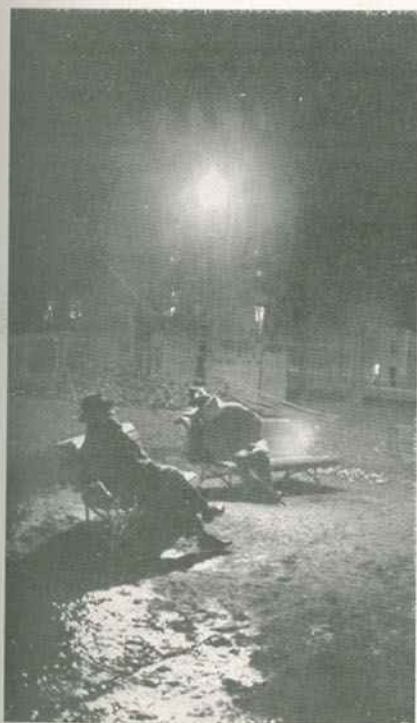
038 — UM R-  
LIZARDO (Foto  
do sr. Samuel  
Azarey — Lis-  
boa)



039 — YSSARDANHO — (Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)



044 — ENTRANDO EM TERRA — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Póvoa)



040 — DORMINDO AO BELENTO — (Foto J. M. — Lisboa)



042 — CRUZEIRO NO CAMPO DE GADO EM TRANCOSO — (Foto do sr. Cruz Saraiva — Lisboa)



045 — AMIGOS... — (Foto Samuel Azevedo — Lisboa)



041 — BRINCANDO — (Foto do sr. João Saraiva de Carvalho — Gouveia)



043 — CONTAS NÃO CONTAS... — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)

## AS BASES DO CONCURSO

Para se concorrer ao Concurso Fotográfico entre Amadores que a Ilustração vem organizando, com grande êxito, basta enviar à nossa redacção provas fotográficas que, pela sua perfeição, sejam dignas de reprodução, ainda que não sejam — como ao princípio dissemos — flagrantes de movimento. No entanto, é indispensável que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6x9, nem superior a 18x24. A sua publicação será feita pelo número de entrada.

As provas, mesmo não publicadas, não se devolvem.

A Ilustração dedica, não só 3 prémios de originalidade e perfeição, como 14 prémios de sortes, que serão sorteados pela lotaria de Santo António.

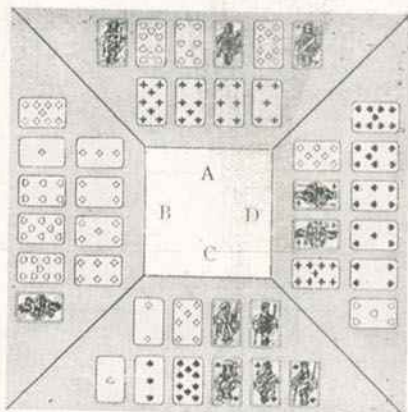
**Ao todo, 26 prémios**

**Um "Cine-Kodak" no valor de 1.720\$00**

**Um prémio de 1.000\$00 em dinheiro**

# Fim de festa

## PROBLEMA DE BRIDGE



Copas é trunfo. B é mão e pretende fazer, éle só, seis das dez vasas, que faltam para acabar o jogo. Como proceder éle e o parceiro, para conseguir esse resultado?

## ANEDOTAS

— Qual é a cidade mais populosa do mundo?  
 — Burgos.  
 — ???  
 — Pois não vês, que ha burguezes por toda a parte?!

— Qual é o animal que mais facilmente se prende ao homem?  
 — É a sanguessuga!

*Num exame de medicina:*  
 — Porque se produz a morte por enforcamento?  
 — Por não ser a corda bastante comprida, para que os pés do enforcado assentem no chão.

Um pai foi ao liceu, assistir a uma lição do filho.  
 — O que é gramática?  
 pergunta o professor.  
 O pai levantando-se furioso:  
 — Então o meu filho vem aqui para o ensinar ou é o senhor que está aqui para o ensinar a ele?

— Meu marido está sempre fóra de casa.  
 — im? Pois o meu nunca sai?  
 — É um modelo!  
 — N. o, é um paralítico.

Uma senhora consultando o seu advogado:  
 — Eu casei com meu marido, unica e exclusivamente por ele ter dinheiro. Mas o dinheiro que ele tinha já se gastou. Não lhe parece que estou no meu direito de reclamar o divórcio?

## PORQUE SE JULGA DE MAU AGOIRO O NUMERO 13?

A mais antiga superstição ácerca da infelicidade ligada ao numero 13, vem da mitologia scandinava.

Num banquete realizado em Valhalla, segundo reza a historia, havia treze convidados e pouco tempo depois, Balder, um dos Deuses, foi assassinado.



persti confirma ção foi incidente da da pelo Senhor, a que assistiram treze pessoas: Jesus Christo e os doze Apostolos.

Até mesmo o homem primitivo parece ter sido supersticioso com respeito a este numero.

Ha países, como a Inglaterra, por exemplo, em que antigamente não existia palavra que correspondesse ao numero treze — apenas uma que significava mais de doze.

## XADREZ

(Solução)

- 1 — P7BR 1 — R×C  
 2 — PSH recuperam o mesmo cavalo e dão «mate»

## HISTORIAS DO FEMINISMO



*Luiza:* — Olha que ainda não vi nenhum adulator mais absurdo do que o tal teu primo Ruy.

*Julia:* — Disse-te que eras bonita?  
*Luiza:* — Não; disse-me que o eras tu.

— Vamos, Amelia, minha filha, socega. Teu marido ama-te ainda.  
 — A mãe crê isso? Mas porque me chamou éle, ontem á noite, Beatriz?

Um caloteiro de profissão recebeu varias cartas dos crédores, ameaçando-o com os tribunais, se éle não saldasse as suas contas quanto antes.

— Valha-me Deus! exclama o nosso homem muito compungido; só sei o trabalho que tive para conseguir que me emprestassem o dinheiro e ainda em cima me atormentam para o pagar!

— ATÉ QUE ENFIM, VAMOS TER VOTO!  
 — SIM, MINHA QUERIDA; QUANDO TIVERMOS VINTE E TRÊS ANOS...  
 (De «Informaciones», Madrid)

## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

A	N	I	M	O	D	E	D	A	L
S	A	C	O	R	S	O	R	O	
I	D	A	M	A	R	R	E	I	
L	O	F	A	C	E	A	A	R	
O	S	E	R	I	N	G	A	A	
P	E	R	I	O	D	I	C	O	
L	R	I	S	C	A	D	O	R	
I	R	A	C	I	D	O	S	E	
X	I	S	A	N	O	R	U	M	
A	X	I	S	O	A	I	R	I	
R	A	M	O	S	T	I	M	O	R

## ANEDOTAS

*Num exame de historia:*

— Diga-me o que sabe, sobre a vida de D. Manuel.

*O examinando:* — A minha mãe sempre me recomendou muito que não quizesse saber das vidas alheias.

*O tio Januário:* — Porque estás tu tão quieto e calado, meu rapazinho?

*O sobrinho pequeno:* — Porque a mamã me prometeu dez tostões se eu não falasse na careca nem no nariz vermelho do tio.

*Ela:* — És tu, Alfredo?

*O marido:* — Sou eu, sim, minha querida.

*Ela:* — Ainda bem, já estou descansada. Pe rece-me sempre que ha um homem em casa enquanto tu cá não estás!



## O CARNAVAL NA AVENIDA

O carro reclame aos sorteios mensais dos brindes distribuídos pelos fósforos Pátria da Sociedade Nacional de Fósforos

### Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das Tabelas de M. Exupère  
Para a Conversão de quilates em milésimos

Por **MARCEL BOURDAIS**  
Tradução de **CARLOS CALHEIROS**

1 vol. de 300 págs., brochado . . . 10\$00

Pedidos à Livraria **BERTRAND - 73, R. Garrett, 75**

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquetagem, bronzaagem, envernizamento, ligas, limpeza de joias, objectos d'arte e para qualquer operação de joalheria, ourivesaria, relojaria, instrumentos de ótica, aparelhos de electricidade, armas, velocipedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena industria facil e barata.

# OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

A epopeia trágica da esquadra  
alemã e a sua destruição

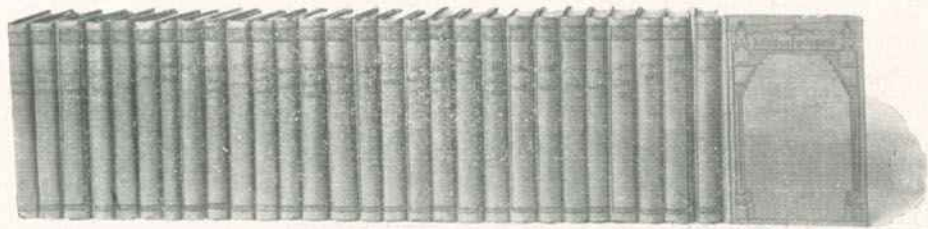
A obra máxima sobre  
a guerra europeia

## A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o cel. bre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA**



## ANTOLOGIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA

Verdadeiro tesouro da língua e literatura portuguesa e brasileira, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos e estimados os melhores prosadores e poetas portugueses e brasileiros, antigos, modernos e contemporâneos. Todas as obsoletas modalidades de ortografia, pontuação, disposição tipográfica, etc., que tornam difícil ao comum do público a leitura dos clássicos mais antigos, são alteradas e modernizadas com cuidado, dando-se quanto possível a esta importante biblioteca um aspecto material moderno e convidativo.

Com intuito de simplificação e vulgarização, excluiu-se o texto que tornava pesada a sua leitura: citações de fontes, longas e difíceis transcrições latinas e passos de conteúdo literário menos interessante, etc., etc. E para que os volumes possam ser admitidos sem escrúpulo nas famílias, serão criados e arredados, na escolha feita, os termos ou textos considerados impróprios.

*As Antologias recomendam-se especialmente:*

As *Famílias* cuidadosas da boa educação literária de seus filhos;

As *Escolas*, necessitadas de textos para a leitura doméstica, e comentário nas aulas de língua, história e literatura nacionais;

Aos *Moços Poetas e Prosadores*, que assim encontrarão à mão os melhores modelos, guias e mestres;

Aos *Estrangeiros* estudiosos da língua e dos génios literários, a quem se oferece uma ampla e acessível vista de conjunto sobre este vasto campo;

A todos aqueles que, desejosos de completar a sua educação geral, com justa razão se queixam de que o tesouro da literatura portuguesa e brasileira jaz enterrado, ou na raridade e alto custo das edições antigas não refeitas, ou na vastidão da obra de tantos escritores, ou no carácter erudito de algumas das modernas edições.

Estas colecções têm encadernação própria, ao preço de . . . . . **4\$00**

### ANTOLOGIA PORTUGUESA

*Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Agostinho de Campos*

JÁ PUBLICADOS:

- |                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| <b>Afonso Lopes Vieira</b> (1 vol.)  | <b>Frei Luís de Sousa</b> (1 vol.)      |
| <b>Alexandre Herculano</b> (1 vol.)  | <b>Guerra Junqueiro</b> (1 vol.)        |
| <b>Antero de Figueiredo</b> (1 vol.) | <b>João de Barros</b> (1 vol.)          |
| <b>Augusto Gil</b> (1 vol.)          | <b>Lucena</b> (2 vols.)                 |
| <b>Camões lírico</b> (4 vols.)       | <b>Manuel Bernardes</b> (2 vols.)       |
| <b>Eça de Queirós</b> (2 vols.)      | <b>Paladinos da linguagem</b> (3 vols.) |
| <b>Fernão Lopes</b> (3 vols.)        | <b>Trancoso</b> (1 vol.)                |

Estes volumes são do formato 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado . . . . . **12\$00**

### ANTOLOGIA BRASILEIRA

*Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Afrânio Peixoto*

JÁ PUBLICADOS:

- Castro Alves** (1 vol.) — **José Bonifácio** (1 vol.) — **Vieira Brasileiro** (2 vols.)

ASSINATURAS—Similarmente ao que estabelecemos para a *História de Portugal*, por Alexandre Herculano, facultamos a aquisição das *Antologias*, Portuguesa e Brasileira, por assinatura, sendo a remessa dos seus volumes feita em períodos semanais, quinzenais ou mensais, conforme o sr. assinante quiser e no-lo determinar no seu pedido. Assim adquirirá ele esta obra notabilíssima, cuja presença por si só honra uma biblioteca, nas condições mais favoráveis a pouco e pouco e sem qualquer encargo pesado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada vol. em br. . . . . 12\$00  
 \* \* \* —Encadernado em percalina, com ferros especiais e letras a ouro . . . . . 16\$00

COLÓNIAS PORTUGUESAS.—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas

Para assinar esta obra basta, num bilhete postal, requerê-lo aos editores.

**Pedidos á LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75—LISBOA**

Acaba de sair a 9.<sup>a</sup> edição  
DE  
**Doida de Amor**

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».  
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado  
**10\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**Estoril-Termas**

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulverisa-  
ções, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens.** — — — —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12  
Telefone E 72



O FAMÓSO CREME  
PARISIENSE  
J. LESQUENDIEU  
*Veja este lindo rosto  
de mulher, é tratado  
com a  
Reine des Crèmes  
Amanhã será  
o Vosso Creme*

**REINE DES CRÈMES**

*À venda em todas as boas casas de Portugal*  
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C<sup>ma</sup> 100 rua Aúrea Lisboa

**Está doente  
com Sezões?**

Experimente o  
**FEBRICIL**

**Se tem amôp á vida, tome-o**

Medicamento contra as Febres Palustres. —  
Não contem quinino. — Todos o podem  
tomar sem receio. — Tónico. — Re-  
constituente. — Aperitivo.

**Á venda nas principais Farmacias  
e Drogarias**

Centos de testemunhos insuspeitos á disposição  
dos interessados que os queiram examinar

NA  
**COMPANHIA COMERCIAL DE QUIMICA INDUSTRIAL**  
Rua do Carmo, 15, 1.<sup>o</sup> — LISBOA  
Telefone: 2 4380 — Telegramas: FEBRICIL — LISBOA



**Novidade  
Sensacional**  
Com o **PENTE ONDULADOR**  
transforme os seus cabelos  
lisos em naturalmente on-  
dulados para toda a vida !

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma :  
Lavam-se os cabelos e secam-se pouco ; depois de  
desembaralhados com um pente apropriado (desen-  
brancador), pentam-se com a cabeça ainda húmida,  
com o **PENTE ONDULADOR** de forma que as  
pontas do pente sejam dirigidas para o exterior ;  
Fazer deslizar o pente através dos cabelos na  
posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se  
obtem uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda :  
**ACADEMIA SCIENTIFICA**  
D. E. B. E. L. E. Z. A  
M. de **CAMPOS**  
Av. da Liberdade,  
35 — LISBOA

**PENTE ONDULADOR**  
"VIENA"

**Preço Esc.  
15\$00**

# Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro . . . . .	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins . . . . .	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa . . . . .	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emília de Sousa Costa . . . . .	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira . . . . .	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores . . . . .	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores . . . . .	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório . . . . .	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro . . . . .	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola . . . . .	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto . . . . .	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega . . . . .	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro . . . . .	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

**LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11**



Um dos melhores livros para crianças  
últimamente publicados é

## O Pretinho de Angola

POR

**CÉSAR DE FRIAS**

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

**Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos**

**Preço: 5\$00**

A venda na Filial do *Diário de Notícias*, **Largo de Trindade Coelho, 10 e 11**, e em todas as livrarias



**ESTÁ Á VENDA O**

# Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

**UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL**

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa—  
RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO— Colaborado pelos melhores autores e dese-  
nhistas portugueses e estrangeiros— Passatempo e Enciclopédia de conhecimen-  
tos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por  
professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravu-  
ras, cartonado . . . . . **10\$00**  
Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

**33.º — ANO — 1932****À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS****Pedidos à  
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

Um volume encadernado com  
**351** páginas

**Esc. 25\$00****LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

**Acaba de sair a 3.ª edição**

DE

## ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

«Os descritivos do romance, que muitos são,  
insinuando-se-nos alguns na retina como paisa-  
gens de mestre, encontram parceiros condignos  
aos diálogos que o salpicam e em que é flagrante  
a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas, brochado. . . . **12\$00****À venda em todas as livrarias****Pedidos á****LIVRARIA BERTRAND**

73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

# LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



**Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática**

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS  
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS  
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

**LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

**No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

são tratados assuntos que muito interessam á vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — HUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COFA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

## LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00**

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

## NOVO DICIONÁRIO

DA

## LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, á custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS À S. E. PORTUGAL-BRASIL  
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

## VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóptico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## UM DOS MELHORES BRINDES

## Biblioteca das Noivas

Organizada por César de Frias

## O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos  
conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-  
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

# BOLACHIAS

A GRANDE  
M A R C A  
PORTUGUESA

Variadas e  
saborosissimas  
qualidades

UM UNICO FABRICO  
O MELHOR

# NACIONAL